



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROCIÊNCIAS E COMPORTAMENTO

ESTILO COGNITIVO EM HOMENS DE ACORDO COM A ATRAÇÃO SEXUAL,
PERFORMANCE SEXUAL E O CONTÍNUO MASCULINO-FEMININO

Wanderson da Silva Costa

Belém
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROCIÊNCIAS E COMPORTAMENTO

ESTILO COGNITIVO EM HOMENS DE ACORDO COM A ATRAÇÃO SEXUAL,
PERFORMANCE SEXUAL E O CONTÍNUO MASCULINO-FEMININO

Wanderson da Silva Costa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Neurociências e Comportamento.

Orientadora: Prof. Dr. Mauro Dias Silva Junior

Co-orientador: Prof. Dr. Victor Silveira Coswig

Belém
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

-
- C837e Costa, Wanderson da Silva.
ESTILO COGNITIVO EM HOMENS DE ACORDO COM A
ATRAÇÃO SEXUAL, PERFORMANCE SEXUAL E O
CONTÍNUO MASCULINO-FEMININO / Wanderson da Silva
Costa. — 2021.
60 f. : il.
- Orientador(a): Prof. Dr. Mauro Dias Silva Junior
Coorientador(a): Prof. Dr. Victor Silveira Coswig
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de
Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós- Graduação em
Neurociências e Comportamento, Belém, 2021.
1. Estilo Cognitivo. 2. Empatia e Sistematização. 3.
Orientação Sexual. 4. Conformidade de Gênero. I. Título.

Agradecimentos

Agradeço:

Aos meus professores/orientadores que sempre tiveram muita disponibilidade e amor à docência me inspirando a cada dia a ser um pesquisador melhor.

Às minhas professoras Alda Henriques, Catarina Miranda, Vivianni Veloso, Rachel Ripardo, Maria Luisa da Silva por serem mulheres incrivelmente dedicadas. E em especial à memória da professora Regina Souza.

Ao grupo de psicologia (Arthur Loureiro, Bruna Melo, Cyrce Tadaiesky, Júlia Mácola e Nara Quaresma) e às minhas amigas Adna Silva e Luiza Penha Pinheiro por estarem ao meu lado sempre me ensinando como me tornar uma pessoa melhor.

Aos participantes, que vieram a mim de bom grado, com intuito de contribuir com a ciência.

À minha família, em especial às minhas tias Dulce H. Martins Costa, Márcia C. Martins Costa e Rosemary Costa e meus avós Dulcinea Martins Costa e Jonas Pinheiro da Costa. Assim como minhas primas Deyve Garcia, Verônica Garcia, Ana Paula Costa, Keila Costa e Renata Costa.

E em especial ao meu amigo Alberto S. por ser quem me inspira a me tornar um profissional melhor e também a André Galvão, um grande amigo, que me apoiou em todos os momentos da pesquisa, sempre presente, sempre muito paciente com as minhas alegrias e receios mediante as mudanças no projeto por conta da pandemia e ansiedades vividas por um mestre em formação.

A Capes e à Fapespa, pelo apoio para realização do trabalho.

RESUMO

Estilo cognitivo refere-se às preferências e diferenças individuais e/ou grupais nos processos de aprendizagem, raciocínio e pensamento nos indivíduos. A Teoria Empatia-Sistematização (E-S) propõe duas dimensões psicológicas as diferenças nos estilos cognitivos. Empatia é a atribuição de emoções, sentimentos, objetivos, etc., como os nossos próprios para os outros (mais comum no sexo feminino) e sistematização refere-se à aptidão para desenvolver um sistema e analisar suas variáveis (mais comum no sexo masculino). A testosterona, hormônio mais comum em homens, parece ser fundamental para sistematizar o estilo cognitivo. É possível que influencie nas diferenças intrassexuais em homens de diferentes orientações sexuais (hetero/ginefílicos e homo/androfílicos) e de diferentes performances sexuais (insertivo, versátil, receptivo) em estilos cognitivos, características físicas masculinas e conformidade de gênero. Zheng (2015) encontrou diferenças entre homens homossexuais no estilo cognitivo e o presente trabalho replica parcialmente este estudo. O objetivo deste trabalho foi investigar as diferenças individuais no estilo cognitivo a partir da atração sexual, performance sexual e autodeclaração quanto ao masculino e feminino dos participantes. Foi utilizado o método bola de neve para convidar participantes. Foram utilizados o questionário socioeconômico, Escala Klein, Versão Curta das Escalas de Medição do Quociente Empatia-Sistematização, Escala de Pelos Corporais e Faciais. A amostra foi constituída de 304 participantes do sexo masculino. Destes, 73,3% foram da região Norte do Brasil, com idade média de 27 anos, em fase de graduação acadêmica e declarados pardos. Não foram encontradas diferenças significativas nos estilos cognitivos entre androfílicos e ginefílicos, nem entre performances sexuais, porém androfílicos mais conformes de gênero apresentaram maiores escores em sistematização. Androfílicos também apresentaram resultados significativos em não-conformidade de gênero, sendo os insertivos os que tiveram maiores escores em sistematização. Entre as características masculinas como pelos faciais e corporais não foram achadas diferenças significativas entre os grupos. Outras medidas antropométricas teriam sido utilizadas, porém a presente pesquisa teve de adaptar-se por conta da pandemia do novo coronavírus. Os resultados de Zheng não foram confirmados nessa pesquisa, as diferenças entre os QE-S podem ter influenciado o resultado, bem como diferenças culturais entre Brasil e China.

Palavras-chave: Estilo Cognitivo; Empatia e Sistematização; Orientação Sexual; Conformidade de Gênero.

ABSTRACT

Cognitive style refers to individual and/or group preferences and differences in individuals' learning, reasoning and thinking processes. The Empathy-Systematization Theory (E-S) proposes two psychological dimensions of differences in cognitive styles. Empathy is the attribution of emotions, feelings, goals, etc., like our own to others (most common in females) and systematization refers to the ability to develop a system and analyze its variables (most common in males). Testosterone, the most common hormone in men, seems to be essential to systematize cognitive style. It is possible that it influences intrasexual differences in men of different sexual orientations (hetero/gynephilic and homo/androphilic) and of different sexual performances (insertive, versatile, receptive) in cognitive styles, masculine physical characteristics and gender conformity. Zheng (2015) found differences between homosexual men in cognitive style and the present work partially replicates this study. The aim of this study was to investigate individual differences in cognitive style based on sexual attraction, sexual performance and self-declaration regarding male and female participants. The snowball method was used to invite participants. The socioeconomic questionnaire, Klein Scale, Short Version of the Empathy-Systematization Quotient Measurement Scales, Body and Facial Hair Scale were used. The sample consisted of 304 male participants. Of these, 73.3% were from the North region of Brazil, with an average age of 27 years, undergoing academic graduation and declared brown. No significant differences were found in cognitive styles between androphilic and gynephilic, nor between sexual performances, but androphilic more compliant gender had higher scores in systematization. Androphilics also showed significant results in gender nonconformity, with insertives being the ones with the highest scores in systematization. Among male characteristics such as facial and body hair, no significant differences were found between groups. Other anthropometric measures would have been used, but the present research had to adapt due to the new coronavirus pandemic. Zheng's results were not confirmed in this research, the differences between the EQ-S may have influenced the result, as well as cultural differences between Brazil and China.

Keywords: Cognitive Style; Empathy and Systematization; Sexual Orientation; Gender Conformity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1

25

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	31
Figura 2	31
Figura 3	34
Figura 4	36

SUMÁRIO

1 Introdução	10
2 Objetivos	24
3 Objetivos Específicos e Hipóteses	24
4 Material e Métodos	26
5 Procedimento	31
6 Resultados	32
7 Discussão	36
8 Considerações Finais	42

Referências

Apêndices

Anexo 1

Anexo 2

Anexo 3

Anexo 4

Anexo 5

1. Introdução

As diferenças entre os sexos biológicos de mamíferos, incluindo o humano, começam a se constituir desde o desenvolvimento intrauterino até a morte do indivíduo (Dominice et al., 2002). Nestas espécies, o desenvolvimento se inicia na fecundação, marcando o início da vida de um indivíduo único (Moore, 1990), e as etapas pelas quais os fetos machos e fêmeas atravessam desde a fecundação são distintas e podem ajudar a elucidar a diferenciação sexual e comportamental dos indivíduos.

Parte da diferenciação sexual, segundo Baron-Cohen (2004) pode acontecer no desenvolvimento cerebral, levando indivíduos de ambos os sexos a desenvolverem estilos cognitivos mais próximos do padrão masculino ou mais próximos do padrão feminino. Nessa perspectiva de investigar características e habilidades específicas dos sexos por contribuir com uma teoria de diferenciação sexual denominada: *Teoria Empatia-Sistematização*. A Teoria Empatia-Sistematização (E-S) de Baron-Cohen (2004) propõe duas dimensões psicológicas ortogonais para explicar as diferenças entre os sexos, sendo pioneiro em dois elementos chave da teoria: os processos multifatoriais que feminização e masculinização (física e do estilo cognitivo) são um contínuo, ou seja, há dois extremos (sexos) e as pessoas estariam em algum ponto do gradiente (em média, mais próximos dos extremos) e os estilos cognitivos decorrentes desses processos podem influenciar o comportamento externo das pessoas (Kidron et al., 2018). Baron-Cohen (2004) descreve quatro níveis diferentes e complementares do sexo biológico na espécie humana, o sexo genético/cromossômico (XX ou XY), sexo gonádico (ovários ou testículos), sexo genital (pênis-vagina), o tipo de cérebro¹ (empático-sistemático) e esses quatro níveis podem predispor os indivíduos a atividades e interesses (consequentemente, expressões comportamentais) mais empáticas e/ou mais sistemáticas.

¹ Estilo cognitivo

Empatia e a sistematização seriam as duas principais dimensões cognitivas nos estilos cognitivos e que a Teoria E-S pode explicar, para além dos estilos cognitivos, diferenças entre os sexos biológicos (Greenberg et al., 2018). Tipos de cérebro são mais recorrentes em determinados sexos biológicos. Pessoas do sexo feminino apresentam em média escores mais altos no quociente de empatia, enquanto pessoas do sexo masculino apresentam em média escores mais altos no quociente de sistematização (Baron-Cohen, 2004; Wright & Skagerberg, 2012; Arnold, 2017; Kidron et al., 2018; Greenberg et al., 2018). Consequentemente, em média, atividades e interesses mais sistemáticos são comuns no sexo masculino e os mais empáticos no sexo feminino, esses comportamentos são denominados: comportamentos típicos do sexo.

Primeiramente, estilos cognitivos referem-se às preferências individuais estáveis na forma como se organiza a percepção e se categoriza conceitualmente o ambiente externo. São formas, sutis e relativamente estáveis, nos processos de aprendizagem, raciocínio, pensamento e interacionais nos indivíduos. (Sperry, 1977; Span, 1991 citado por Lemes, 2012). Os estilos cognitivos dependem de fatores ambientais, culturais e individuais, influenciando na aprendizagem, predileção por atividades específicas, motivação, tomada de decisão e resolução de problemas (Mefoh et al., 2017). Há diversas abordagens que se propõem a explicar os estilos cognitivos baseadas nas teorias de Piaget, Vigotski, entre outros, porém, como dito anteriormente, utilizaremos a Teoria Empatia-Sistematização de Baron-Cohen (2004).

Enunciados como impulsos, sistematizar e empatizar contribuem para o entendimento de diferenças individuais e tendências comportamentais (Baron-Cohen, 2004; Kidron et al., 2018; Milfont et al., 2012). Como os estilos cognitivos centrais da teoria de Baron-Cohen (2004), a empatia e a sistematização se apresentam como extremos de um contínuo inversamente proporcionais, bem como complementares (Greenberg et

al., 2018). Empatia pode ser entendida como a atribuição de emoções, sentimentos, objetivos, etc., como os nossos próprios para os outros (Formiga, 2012). A empatia é uma característica fundamental para o indivíduo que a possui nas interações humanas, devido a capacidade que este indivíduo terá de identificar pensamentos e sentimentos de outras pessoas e responder aos estados mentais de forma apropriada (Baron-Cohen, 2004). A empatia também confere o processo inferencial que prediz o comportamento e o estado mental de outro indivíduo considerando os pilares cognitivos, afetivos e comportamentais (Dennett, 1987; Formiga, 2012).

A sistematização refere-se à aptidão para desenvolver um sistema e analisar suas variáveis, considerando as regras que direcionam o comportamento desse sistema, ou seja, observa-se a relação causa e efeito possível entre as variáveis do sistema, possibilitando a predição total ou parcial de seus resultados e consequências (Rodriguez et al., 2011). A sistematização pode ser utilizada como forma de categorizar, interpretar e construir regras para sistemas governados pelo mundo físico, podendo assim avaliar o comportamento desses sistemas com base nessas regras (Wright & Skagerberg, 2012).

Segundo a Teoria Empático-Sistemático há cinco estilos cognitivos² tipo E, no qual os indivíduos apresentam a capacidade empática mais desenvolvida do que a capacidade de sistematização (estilo predominantemente feminino); tipo S, cuja capacidade de sistematização é mais desenvolvida que a capacidade empática (estilo predominantemente masculino); tipo B, no qual as capacidades de empatia e sistematização são igualmente apresentadas (estilo equilibrado/balanceado). Existem ainda, os tipos E extremo, cuja capacidade empática é muito mais desenvolvida do que a capacidade de sistematização – pouco desenvolvida; e tipo S extremo, no qual a capacidade de sistematização é muito mais desenvolvida que a capacidade empática, que

² Baron-Cohen utilizou o termo “brain”, porém ao decorrer do desenvolvimento da Teoria Empatia-Sistematização foram categorizados como estilos cognitivos e habilidades gerais relacionadas.

seria precariamente desenvolvida, tal estilo cognitivo é mais observado em pessoas com algum grau de autismo (Baron-Cohen, 2004; Indomnukul et al., 2007; Wheelwright et al., 2006; Kidron et al., 2018).

Existem instrumentos que podem quantificar/identificar em qual ponto dos contínuos empático-sistemático as pessoas se encontram. Baron-Cohen (2004) criou um teste para cada dimensão dos estilos cognitivos: quociente de empatia (QE) e o quociente de sistematização (QS) (juntos formavam o Quociente E-S), cuja mensuração iniciou-se com escalas aplicadas separadamente. Cada quociente apresentava 60 itens no formato de escala Likert, sendo 40 itens inclusos com o objetivo de medir as habilidades (E ou S) e 20 itens complementares que funcionavam como distratores (Castelhano-Souza et al., 2018; Kidron et al., 2018). Foram criadas as versões curtas das escalas de empatia e sistematização denominadas Empathy Quotient (EQ-Short) apresentando 22 questões e Systemizing Quotient (SQ-Short) apresentando 25 itens (Wakabayashi et al., 2006).

Durante a formulação de sua teoria, Baron-Cohen (2004; 2018) sinalizou que muitos processos de diferenciação cerebral são mediados pelo hormônio testosterona. Arnold (2017) e Greenberg et al. (2018) apontam que a testosterona além de influenciar nas diferenças sexuais, a mesma pode ativar substratos neurais que masculinizam o indivíduo no decorrer da vida e que a masculinidade ou feminilidade, devido aos hormônios, pode variar de acordo com a relação dos indivíduos com o seu ambiente. Embora encontrada em ambos os sexos, a testosterona apresenta-se em maior quantidade no sexo masculino, influenciando durante a fase intrauterina a diferenciação do sexo biológico e do estilo cognitivo, consequentemente pode vir a afetar como as pessoas se expressam por meio do comportamento típico do sexo; na fase adulta atua na estrutura corporal (músculos, pelos faciais e corporais) (Baron-Cohen, 2004). A testosterona além de influenciar nas diferenças sexuais externas, também atua em processos neuronais,

configurando respostas cerebrais observadas principalmente no sexo masculino e sofre variação individual na relação indivíduo-ambiente (Arnold, 2017; Baron-Cohen, 2004; Greenberg et al., 2018; Kidron et al., 2018; Wright e Skagerberg, 2012).

Connellan et al. (1999) investigaram o dimorfismo sexual na percepção de objetos em bebês com um dia de vida: os bebês do sexo biológico masculino evidenciavam interesse/preferência (medida através da duração do olhar) por objetos (mecânicos), enquanto que os bebês femininos se interessavam por faces humanas. Baron-Cohen (2004) propõe que a quantidade de exposição de bebês ao hormônio testosterona intrauterina seria um fator extremamente relevante para as diferenciações citadas. Quanto mais alta a exposição a testosterona, maior a probabilidade de o indivíduo apresentar estilo cognitivo sistemático. Há evidências que a testosterona influencia aspectos físicos e comportamentais durante o desenvolvimento, inclusive, as preferências de brincadeiras na infância (Hansen et al., 2007; Cardoso, 2008).

Greenberg et al (2018) testaram esta proposição em uma amostra de mais de meio milhão de participantes, os dados apresentados também demonstraram que os participantes do sexo feminino, em média, obtinham escores mais altos no quociente de empatia, bem como os participantes do sexo masculino obtinham escores mais altos no quociente de sistematização, porém, foi observado que indivíduos autistas, cuja característica principal é, em média, ter habilidades sociais com algum grau de déficit geral e habilidades sistemáticas mais desenvolvidas, independentemente do sexo biológico (mesmo que o autismo seja mais presente em indivíduos do sexo masculino), alcançavam escores mais altos no quociente de sistematização, o que pode colaborar a hipótese de que o multifatorial Transtorno do Espectro Autista seria caracterizado também por uma exposição a altos níveis de testosterona intrauterina do indivíduo (Baron-Cohen, 2004).

Nesse campo de como a testosterona pode contribuir para o dimorfismo sexual, sendo mais específico, para a masculinização dos indivíduos, há pesquisas que apontam que até mesmo a orientação sexual pode ser influenciada pela exposição à testosterona intrauterina (Paulo, 2017). Esses efeitos da testosterona são identificados com a sua função organizacional, pois têm efeito precoce e permanente no desenvolvimento do indivíduo (Arnold & Breedlove, 1985; Phoenix et al., 1959). Além dessa, a testosterona possui a função ativacional, cujos efeitos são transitórios, atuando de forma a ativar ou inibir as funções e tecidos organizados em fases anteriores do desenvolvimento (Balthazar, 2012; Nelson, 2011). O papel da testosterona na diferenciação sexual acontece em direção à formação do sexo masculino, porque, em mamíferos, os organismos são femininos nos primeiros estágios do desenvolvimento embrionário (Arnold, 2017), sendo, portanto, masculinizados sob efeito desse hormônio. É imprescindível destacar que, segundo Paulo (2017), pesquisadores como Rahman (2005), Baum (2006) e Savic (2014), elucidam que os primeiros meses da gestação a exposição do feto à testosterona atua na diferenciação genital e outras estruturas e que, a posteriori, na segunda metade da gestação, há outros picos de testosterona os quais favorecem a configuração cerebral, incluindo o estilo cognitivo. É possível que os efeitos de alterações na exposição desses bebês a testosterona nessas fases de desenvolvimento possam vir a influenciar na orientação sexual e na identidade de gênero do indivíduo, porém não consenso na literatura sobre tais afirmativas.

É importante destacar, contudo, que mesmo em indivíduos do sexo feminino (humanos e não humanos), ao serem expostos a maiores níveis de testosterona pré-natal, têm probabilidade aumentada de se sentirem atraídas por outras pessoas do sexo feminino (Balthazar, 2012; Brown et al., 2002; Kangassalo et al., 2011). Alterações da genitália externa, e alterações cognitivas e comportamentais em direção a traços mais masculinos

acontecem de forma acentuada em pessoas do sexo feminino portadoras da hiperplasia adrenal congênita, cuja mutação provoca produção demasiada de testosterona da vida intrauterina (Dixon, 2012; Nelson, 2011; Silva Júnior & Corrêa, 2021). Esses dados sugerem que a testosterona possui efeitos duradouros, sendo possivelmente responsável por diferenças marcantes entre os sexos e entre indivíduos do mesmo sexo.

Outros estudos verificam a influência da testosterona no indivíduo durante seu desenvolvimento. Martin e Nguyen (2004), mediram objetivamente o crescimento esquelético de homens e mulheres em uma amostra comunitária. Nesse trabalho, foram verificados ossos nos quais a testosterona tem papel importante na calcificação, densidade e aumento do tamanho durante o crescimento desses respectivos ossos. Os pesquisadores verificaram que o tamanho dos ossos de homens homossexuais era menor em braços, pernas e mãos em comparação com os homens heterossexuais e de mulheres homossexuais eram maiores em comparação com as mulheres heterossexuais. Tais dados sugerem que homens homossexuais parecem ser parcialmente feminizados enquanto mulheres homossexuais parecem sofrer parcial masculinização em medidas antropométricas.

As diferenças entre a maioria homens e mulheres vêm sendo minuciosamente documentadas, desde a concepção, diferenças anatômicas e fisiológicas, psicológicas e comportamentais, inclusive nos estilos cognitivos, porém no que tange o conhecimento acerca das diferenças entre homens, geralmente são pesquisadas as características físicas de atratividade masculina, bem como a competitividade, domínio de território e obtenção de recursos que podem garantir sucesso reprodutivo (geralmente heterossexual) (Puts et al., 2015; Puts, 2016). Há uma investigação acentuada sobre as características físicas masculinas (tamanho, peso, força física, voz e face masculinizadas, testosterona basal) e o comportamento sociossexual como preditores do sucesso reprodutivo, sendo a variação

individual influenciadas por mais fatores do que os supracitados (Kordsmeyer et al., 2019). Há uma baixa pesquisa sobre os estilos cognitivos em homens considerando a possibilidade de uma psicologia referente ao masculino, características individuais que caracterizam os homens e seus subgrupos. E uma forma de estudar isso inclui os estudos acerca das orientações sexuais.

Desde Darwin (ref.?), reconhece-se que a seleção ocorre em grande medida pelo fato de haver variação individual nos indivíduos do outro sexo, o que permite que o processo de escolha possa acontecer. Logo, a variabilidade individual é condição *sine qua non* para a evolução. Nos indivíduos masculinos humanos, as diferenças entre os indivíduos devem se expressar não somente em características como a voz, muscularidade, mas também em outros traços psicológicos e preferências, tais como as preferências sexuais (Kordsmeyer et al., 2017). As orientações sexuais devem ser consideradas como resultados da seleção, assim como pressão seletiva, pois afeta indivíduos masculinos e as relações entre os mesmos (Jeffery, 2017).

Pesquisadores Marmor (1973/1980), Walters e Crawford (1994), LeVay (1996), Burr (1998), Savic (2012), Kindron et al. (2018) buscaram compreender o que diferenciava homens de mulheres e homens de outros homens e mulheres de outras mulheres (tanto heterossexuais quanto homossexuais) através de estudos anatômicos que apontassem estruturas neurais que regulassem organicamente a orientação sexual (Bailey et al., 1994). Porém ainda hajam achados de semelhanças neurológicas entre homens homossexuais e mulheres heterossexuais não há consenso na literatura acerca das características neurobiológicas das orientações sexuais (Paulo, 2017). Zheng (2015) ressalta que os homossexuais masculinos devem ser estudados com suas características próprias e não com a tentativa de reforçar a dicotomia macho-fêmea. Apesar disso, durante décadas os estudos com homossexuais se ativeram na comparação com mulheres

heterossexuais (Baron-Cohen, 2004), ou além disso, o viés das pesquisas se ateve a estudar grupos de homossexuais apenas pelos riscos de contágio pelo HIV (Silva et al., 2018). São necessários estudos acerca das diferenças individuais, não somente entre os sexos masculino e feminino, não se restringindo também à comparação ou diferenciação entre heterossexuais e homossexuais, mas entre os homossexuais de maneira geral.

Para que se inicie essa perspectiva, é necessário compreender que a orientação sexual é definida como a preferência interna, estável e duradoura por parceiros do mesmo sexo, ou do outro sexo, ou ambos, em interações e parcerias em humanos (Bailey e Zuk, 2009; LeVay, 1993; Louro, 2013; Silva Júnior e Corrêa, 2021). A orientação sexual pode ser observada a partir de níveis que variam desde a heterossexualidade exclusiva até a homossexualidade exclusiva (Kinsey et al., 1948; Lewis, 2012; Menezes e Brito, 2010; Silva Júnior e Corrêa, 2021).

Apesar de autores como Kinsey (1948) e Klein (1985) proporem em suas escalas supracitadas uma continuidade na autoclassificação (de heterossexual a homossexual), bem como diversas dimensões acerca da orientação sexual, VanderLaan et al. (2013) consideram o termo homossexual problemático para estudos transculturais, pois em diferentes sociedades, pessoas com atração voltada para o mesmo sexo não se reconhecem como homossexuais, que é um termo ocidental. Além do termo variar culturalmente, ele é permeado por tabus socioculturais, assim como infere a orientação sexual e/ou identidade de gênero do parceiro sexual do indivíduo. O termo mais apropriado para uma perspectiva evolucionista e transcultural seria androfilia, pois o termo refere-se à atração e excitação sexual e não faz avaliações sobre como o comportamento sexual e/ou identidade de gênero são expressos (Silva Júnior & Corrêa, 2021).

VanderLaan et al. (2013) elucida que androfilia refere-se à atração e excitação sexual predominantemente por homens adultos, assim como ginefilia refere-se à atração

e excitação sexual predominantemente por mulheres adultas. A androfilia se apresenta de duas formas, quando associada à função de gênero *homens androfílicos congruentes sexo-gênero* e *homens androfílicos transgêneros*. Homens androfílicos congruentes sexo-gênero ocupam a função de gênero típica socialmente esperada para o seu sexo e se identificam como homens, tendem a ser mais comuns em culturas ocidentais (Whitam, 1983, citado por VanderLaan et al., 2013). Homens androfílicos transgêneros ocupam uma função de gênero alternativa às categorias de “homem” e “mulher”. Exibem a função de gênero similares aos membros do sexo ‘oposto’ dentro do seu contexto social, tendem a ser mais frequentes em culturas não-ocidentais (VanderLaan et al., 2013). É importante lembrar que mesmo considerando que haja homens androfílicos conformes e desconformes de gênero, dentro dessas mesmas categorias há variabilidade individual (Swift-Gallant, 2017 et al., 2017; Svedholm-Häkkinen et al., 2018).

Kolodny et al. (1982, citado por Abdo, 1997) identificaram que grupos de pessoas homossexuais não constituem em personalidade e comportamento uma população homogênea, que estereótipos sociais não correspondem à diversidade encontrada nessa população. Abdo (1997) citou também Pomeroy (1968) que atentou para o fato de que não há características comuns aos homossexuais. A autora segue elucidando que entre os homens ginefílicos mais conformes de gênero há expressão de padrões comportamentais com menos variabilidade. Santos (2013) atenta para a possibilidade de que quanto mais o indivíduo se identifica com os padrões heteronormativos, maior a probabilidade de repetir o que é socialmente imposto.

Consistente com essa diversidade, Silva (2018) identificou que existência de diferentes preferências sexuais entre homossexuais masculinos em relação à prática do sexo anal (performance sexual), desde a preferência por penetrar o parceiro (insertivo), ser penetrado (receptivo) ou ambas as preferências (versátil). Apesar de não terem sido

investigadas as origens pelas quais essas preferências existem, estudos (Carballo-Diéguez et al., 2004; Zheng et al., 2011, 2015) realizados tanto em países ocidentais quanto orientais demonstram que a variação nessa preferência é constante entre culturas. Sabe-se também que homens gays reconhecem socialmente essas preferências e elas são utilizadas para identificar potenciais parceiros sexuais e sinalizar seus próprios interesses (Carballo-Diéguez et al., 2004; Moskowitz & Hart, 2011; Zheng et al., 2011, 2015; Wegesin & Meyer-Bahlburg, 2000). Por outro lado, Souza (2019) não encontrou diferenças entre homossexuais de diferentes performances sexuais em relação à homossexualidade, sugerindo que apesar de haver heterogeneidade nas preferências sexuais, elas não se traduzem em diferenças nas preferências em relação ao sexo casual sem compromisso. Esse dado levanta a hipótese de que no aspecto psicosssexual, homens homossexuais de diferentes performances são mais homogêneos entre si, o que pode indicar a existência de uma psicologia sexual masculina subjacente, que não é afetada pelas preferências quanto à performance sexual.

Foi encontrado ainda que homossexuais receptivos apresentam maiores escores em não-conformidade que os insertivos (Fleury et al., 2018; Moskowitz & Hart, 2011; Swift-Gallant et al., 2016; Swift-Gallant et al., 2018; VanderLaan, 2017). Moskowitz e Hart (2011) demonstraram que homens androfílicos insertivos foram mais confortáveis com seu gênero que receptivos e versáteis, relatavam também apresentar mais características masculinas (mais pelos corporais/mais músculos). Altura e peso não diferenciaram entre as performances sexuais. Os homens androfílicos exclusivamente receptivos relatavam expressão comportamental e autodescrição com características menos masculinas, assim como mais desconforto com a sua performance sexual, relatando que gostariam de performar mais como versáteis ou insertivos exclusivos. Fatores sociais podem contribuir para este desconforto com a performance sexual, pois

em sociedades mais heteronormativas e patriarcais, o androfílico com performance sexual receptiva, por ser quem recebe a penetração, é associada ao feminino ou menos masculino, sendo assim alvo de preconceito dentro da população LGBTQIAP+ e/ou de homofobia internalizada (Carballo-Diéguez et al., 2004; Moskowitz & Hart, 2011). Tecnicamente, se torna uma questão associada ao gênero e não à forma de obtenção de prazer.

Segundo Tate et al. (2015), psicólogos sociais e da personalidade avaliaram os construtos sociais dos papéis de gênero e o bem-estar de adultos, desenvolvendo assim um modelo de avaliação de identidade de gênero multidimensional que compreende a conformidade de gênero em adultos e crianças. Stanford et al. (2018) elucidaram que, geralmente, são os fatores sociais (discriminação, marginalização dos diferentes, opressão política) que afetam mais os indivíduos, independente da conformidade de gênero.

A sociedade constrói historicamente (e de forma mutável) as regras e a percepção social do feminino e masculino, influencia a identificação do próprio indivíduo com os padrões sociais de gênero (Fleury & Abdo, 2018). Gênero, em uma perspectiva evolucionista – uma abordagem que considera o ser humano biologicamente cultural (Bussab & Ribeiro, 1998), pode ser descrito como um contínuo de padrões típicos de comportamento, sentimentos e atitudes atribuídos culturalmente aos sexos masculino e ao feminino (por homens e mulheres – extremos desse contínuo) (Fleury & Abdo, 2018; Menezes et al, 2010). Enquanto que, segundo a American Psychological Association & National Association of School Psychologists. (2015), a expressão de gênero refere-se à expressão individual de cada pessoa (isso inclui roupas, acessórios e aparência física), bem como comportamentos os aspectos do gênero que a pessoa se identifica mais. Pode ser conforme ou não-conforme com o gênero atribuído à pessoa no seu nascimento.

Zheng (2012) diferenciou os andrófilos por autodeclarações de mais masculino/feminino, bem como por autoclassificação de performance sexual devido às diferenças entre os subgrupos. Dividindo a amostra por subgrupos e aplicando o Big Five (instrumento que avalia cinco grandes domínios da personalidade como: abertura à experiência, conscienciosidade, extroversão, amabilidade e neuroticismo), foi verificado que, naquela amostra, os escores do Big Five foram semelhantes demonstrando que não havia diferença entre os homens considerando a performance. Os insertivos tiveram escores mais altos em interesses relacionados ao gênero, se autodeclararam como mais masculinos nos quatro itens de Storms (Storms, 1979 citado por Zheng, 2011) e no Inventário de Papel Sexual de Bem (*Bem Sex Role Inventory - BSRI*) alcançaram escores mais altos em instrumentalidade (homens em média alcançam escores mais altos) do que os receptivos, estes últimos obtiveram escores mais altos em expressividade (mulheres alcançam escores mais altos em média) (Zheng, 2012).

Considerando as performances sexuais para investigação do estilo cognitivo (empatia-sistematização) em homens andrófilos e ginefílicos, Zheng et al (2015) solicitaram que os participantes se declarassem como mais masculinos ou mais femininos; aplicaram o Quociente E-S (Versão Curta do Quociente E-S de Wright e Skagerberg - 2012); e subdividiram os andrófilos (509 participantes) em três subgrupos: 01 – ativo, 0,5 – versátil e 0 – passivo. Nesta amostra, o grupo de andrófilos apresentou escores mais altos em empatia em relação aos ginefílicos. E entre os andrófilos, os insertivos (ativos) obtiveram escores mais altos em sistematização do que os receptivos, enquanto que houve diferença pouco significativa na empatia entre as performances sexuais. Por outro lado, neste estudo, os participantes homossexuais insertivos também se declararam mais masculinizados que os receptivos e os versáteis (Zheng et al., 2015). Ou seja, nesse estudo, Zheng, concluiu que andrófilos insertivos apresentam estilo

cognitivo sistemático enquanto que versáteis apresentam dados intermediários e receptivos apresentam estilo cognitivo menos empático, possivelmente corroborando o gradiente proposto por Baron-Cohen (2004) que quanto mais características masculinas a pessoa tiver, maior a probabilidade de apresentar estilo cognitivo sistemático.

Svedholm-Häkkinen et al. (2018), conduziu uma pesquisa com 2983 participantes sobre homens empáticos e mulheres sistemáticas. O estudo convidava os participantes a falar qual curso acadêmico estavam se graduando, descreverem quais suas atividades e interesses e após isso, os indivíduos respondiam o Quociente E-S. Foi observado que homens com escores mais altos no Quociente de Empatia (Q-E) e mais baixos no Quociente de Sistematização (Q-S) tinham a tendência se interessarem por atividades que envolviam sociabilidade e cursavam áreas acadêmicas relacionadas às licenciaturas e humanas, enquanto que as mulheres com escores altos em Q-S e baixos em Q-E tinham a tendência a se interessarem por sistemas e cursavam áreas ligadas às engenharias e matemáticas. Tal pesquisa vai ao encontro do trabalho de Baron-Cohen (2004) demonstrando que os estilos cognitivos podem ser diferentes do sexo biológico, mas direcionam a motivação por certas atividades e interesses.

Norteados por essa pesquisa de Zheng et al. (2015), o presente trabalho se propôs a aplicar um delineamento semelhante obter uma amostra de homens andrófilos e ginefílicos; dividir os andrófilos em subgrupos, porém adaptado para a realidade brasileira, na qual as performances sexuais podem ser classificadas como ativo, ativo/versátil, versátil, passivo/versátil e passivo; verificar o quanto os indivíduos se classificavam como mais masculinos ou mais femininos e verificar o Quociente E-S.

A presente pesquisa visava coletar dados acerca de características masculinas como as medidas antropométricas da razão cintura-quadril e a descrição de pelos corporais e faciais e verificar se homens com mais características masculinas iriam

alcançar escores mais elevados no Q-E, porém, esse apesar de já haver iniciado a coleta, o processo teve de ser interrompido por conta do agravamento da pandemia do coronavírus. Dentro da amostragem de homens ginefílicos e androfílicos brasileiros, da região norte, considerando também especificidades da comunidade LGBTQIAP+ como intermediários entre receptivos e versáteis e entre versáteis e insertivos, se dados semelhantes aos de Zheng et al. (2015) seriam achados.

2. Objetivos

O objetivo deste trabalho foi investigar as diferenças individuais no estilo cognitivo a partir da atração sexual, performance sexual e autodeclaração quanto ao masculino e feminino dos participantes.

Objetivos Específicos

Objetivo 1: Investigar as diferenças no estilo cognitivo e características de pelos corporais em homens de diferentes orientações sexuais (androfílicos e ginefílicos):

1.a) verificar a quantidade pelos faciais e corporais (tórax e abdômen) em homens de acordo com a orientação sexual, 1.b) comparar se há diferença nos quociente empatia-sistematização em homens de acordo com a orientação sexual.

Hipóteses: 1.a) homens ginefílicos apresentarão a quantidade de pelos na face e corporais (tórax e abdômen) maior que dos homens androfílicos 1.b) homens ginefílicos alcançarão escores mais altos no consciente de sistematização do que os homens androfílicos, 1.c) homens androfílicos alcançarão escores mais altos no quociente de empatia.

Objetivo 2: Investigar as diferenças no estilo cognitivo e características de pelos corporais homens andrófilicos de acordo com a performance sexual (insertivo, versátil e receptivo):

2.a) verificar pelos faciais e corporais (tórax e abdômen) em homens de acordo com a performance sexual, 2.b) comparar se há diferença nos quociente empatia-sistematização em homens de acordo com a performance sexual.

Hipóteses: 2.a) homens andrófilicos insertivos apresentarão quantidade de pelos na face e corporais (tórax e abdômen) maior que dos homens andrófilicos receptivos; 2.b) homens andrófilicos insertivos alcançarão escores mais altos no consciente de sistematização do que os homens andrófilicos receptivos, 2.c) andrófilicos receptivos alcançarão escores mais altos no quociente de empatia.

3) Estudo 3: Investigar as diferenças no estilo cognitivo e características de pelos corporais em homens andrófilicos e ginefílicos de acordo com conformidade de gênero:

3.a) identificar se há diferença na expressão da masculinidade e feminilidade em homens ginefílicos e andrófilicos de acordo com a performance sexual. 3.b) verificar se há diferença nos quociente empatia-sistematização em homens de acordo com a auto declaração masculino-feminino.

Hipóteses: 3.a) homens ginefílicos e homens andrófilicos autodeclarados mais masculinos apresentarão quantidade de pelos na face e corporais (tórax e abdômen) maior que dos homens ginefílicos e andrófilicos autodeclarados menos femininos; 3.b) homens ginefílicos e homens andrófilicos autodeclarados mais masculinos alcançarão escores mais altos no consciente de sistematização do que os homens ginefílicos e andrófilicos autodeclarados menos masculinos, 3.c) homens ginefílicos e andrófilicos autodeclarados menos masculinos alcançarão escores mais altos no quociente de empatia.

3. Material e Métodos

Aspectos Éticos

O presente estudo está de acordo com as orientações previstas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (2012). O estudo faz parte do projeto intitulado “Diferenças Anatômicas e Cognitivas em Homens de Acordo com a Orientação Sexual, Performance Sexual e o Contínuo Masculino-Feminino”, submetido à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e aceito com o parecer nº 3.681.068 (Anexo 1), com a aplicação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (Anexo 2).

Aprovado pelo comitê, o projeto inicial consistia em uma pesquisa dividida em duas etapas, inicialmente uma coleta por meio de questionários, que poderia ser feita online ou presencial, seguida da medição antropométrica das proporções cintura-quadril, distância entre os acrômios (ombros) e a razão 2D:4D realizadas presencialmente com os participantes. Porém, devido à pandemia do *coronavírus*, a segunda etapa da pesquisa foi interrompida, portanto, os dados aqui apresentados são referentes as coletas realizadas apenas com os questionários.

Participantes

A amostra foi constituída de 304 participantes do sexo masculino. Destes, 73,3% foram da região Norte do Brasil seguidos das regiões Sudeste (13,5%), Nordeste (6,3%), Sul (2,6%) e Centro-Oeste (3,3%). A idade dos participantes variou entre 18 e 70 anos, sendo a média 27,45 anos ($SD = 7,68$ anos). O nível educacional dos participantes variou entre ensino fundamental incompleto (0,3%) e pós-graduação completa (21,5%), a maioria declarou graduação incompleta (32,1%). Os indivíduos declaram ter emprego fixo (46,7%) ou estarem em estágio remunerado (37,3%) e desempregados (16%). Os participantes se declararam majoritariamente como pardos (38,9%), seguido de brancos

(38,2%), negros (20,3%) e amarelos (2,7); sobre atração sexual, 146 declaram-se ginefílicos (49%) e 152 androfílicos (51,6%), destes últimos 51 se declaram insertivos (32,5%), 50 versáteis (31,8%) e 56 receptivos (35,7%). 203 participantes declararam-se mais congruentes de gênero (66,8%) e 48 menos congruentes (15,8%), alguns participantes (17,4%) se definiram igualmente como masculinos e femininos não gerando variação no escore z.

Ambiente

A coleta de dados por meio dos questionários foi realizada inteiramente online, através da plataforma *Google Forms*.

Instrumentos

Atração Sexual

Os dados acerca de orientação sexual dos participantes foram coletados por meio da Escala Klein (adaptado por Brandão, 2016) (Anexo 3). Aspectos amplos da orientação sexual são abordados conforme os três períodos de vida (passado, presente e ideal): atração sexual (Por quem você se sente sexualmente atraído?), comportamento sexual (Com quem você tem relações sexuais?), fantasias sexuais, preferência emocional, preferência social, preferência de vida e identidade sexual. Para este estudo, foram analisadas somente as características atração sexual e comportamento sexual somente no período ‘presente’. Para fins analíticos, foram considerados ginefílicos/ginefílicos os participantes que marcaram as respostas de 1 a 3 e androfílicos/androfílicos de 5 a 7. Os indivíduos que declaram interesse por ambos os sexos (4) foram designados bissexuais.

Performance Sexual

Foi perguntado ao participante “Se você tem relacionamentos sexuais com homens, como você classifica seu comportamento/ performance sexual?” (item em relação ao momento presente). Os participantes poderiam marcar “não tenho

relacionamentos com homens”; ativo; ativo/versátil; versátil; passivo/versátil; passivo. A posteriori, foram fundidas as categorias ativo e ativo/versátil em *ativo* e passivo e passivo/versátil em *passivo*. Para as análises, convertemos os termos ativo em *insertivo* e passivo em *receptivo*, pois subdivididos em cinco subgrupos não era possível verificar os dados com mais clareza devido contar com poucos participantes.

Conformidade de Gênero

Foi perguntado aos participantes tanto para autodeclaração de masculino quanto feminino “Se você tivesse que se descrever globalmente, em termos de comportamento, estilo, expressão e autopercepção. Qual tipo de homem você seria?” (Singht et al., 1999 adaptado por Veloso e Brito, 2014) (Itens 23 e 24 do Anexo 2). Solicitou-se marcar um “X” no número correspondente ao qual o indivíduo se identificava em uma escala Likert de 9 pontos na qual 1 era considerado menos masculino/feminino e 9 mais masculino/feminino. Os escores da escala de feminilidade foram subtraídos da escala de masculinidade (escore masculino – escore feminino = x). Esse índice composto, doravante chamado de conformidade de gênero, foi utilizado nas análises para verificar diferenças entre a atração sexual, performance sexual e estilo cognitivo.

Quociente Empatia-Sistematização (E-S)

Utilizamos a versão em português brasileiro validada é a Versão Curta das Escalas de Medição do Quociente Empatia-Sistematização - português brasileiro (Castelhano-Souza et al., 2018) (Anexo 4), sendo a escala mais breve composta de 10 itens para empatia e 10 para sistematização.

Na Versão Curta das Escalas de Medição do Quociente Empatia-Sistematização - português brasileiro (Castelhano-Souza et al., 2018), o Quociente Empatia-Sistematização (Quociente E-S) é composto de duas escalas, uma para empatia (QE) e outra para sistematização (QS). A escala QE possui 21 itens, distribuídos em quatro

domínios descritos como Capacidades Sociais (1, 6, 10, 13, 15); Reatividade Emocional (2, 8, 14, 17, 21); Empatia Cognitiva (9, 12, 18, 19, 20) e Dificuldades Empáticas (3, 4, 5, 7, 11, 16). A escala QS apresenta 25 questões distribuídas entre os fatores Conteúdos (3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 17, 19, 20) e Processos (1, 2, 5, 6, 13, 14, 16, 18, 21, 22, 23, 24, 25). Os itens reversos (itens cujo conceito é oposto ao dos restantes itens. Para o cálculo da pontuação, o valor atribuído deve ser invertido) das escalas são: escala QE (3, 4, 5, 7, 11, 16) e escala QS (3, 4, 7, 9, 10, 11, 12, 15, 17, 19, 20, 23, 25). No estudo de Castelhana-Souza et al. (2018), as escalas obtiveram boa consistência interna, com valores de Alfa de Cronbach global de 0,83 para o Quociente de Empatia e 0,79 para o Quociente de Sistematização.

Seguindo a proposta de Wright e Skagerberg (2012), no qual classifica escores que estão dentro de um desvio padrão como "média" (também chamado de balanceado). Escores maiores que um desvio padrão e menores que dois desvios padrão foram classificados como X e Y, se positivo ou negativo, respectivamente. Escores maiores que dois desvio padrão foram classificados como Z e W, se positivo ou negativo, respectivamente. Assim, os valores mínimos e máximos para escala de empatia foram -2,16 e 2,65, respectivamente. Os valores no intervalo de -2,16 a -1,1 foram classificados como Baixa E; de -1 a 1 como Balanceado; e 1,1 a 2,65 como Alta E. Enquanto os valores mínimo e máximo para sistematização foram -2,54 e 3,87, respectivamente. Já, os valores no intervalo de -2,54 a -1,1 foram considerados Baixa S; de -1 a 1 foi considerado Balanceado; e 1,1 a 3,87 foi denominada Alta E. Para análise, em ambas as versões da escala utilizadas, participantes com escore $z = SD$ em empatia e em sistematização foi considerado balanceado (*balanceado + balanceado = balanceado*). Porém, ao apresentar o extremo ou em E ou em S, o balanceado foi classificado como baixo (por exemplo, *Alta S + balanceado = Alta S e Baixa E*, e vice-versa).

Como os itens avaliados por Zheng et al. (2015) estão incluídos entre os itens da versão curta de Castelhana-Souza et al. (2018), foi experimentado avaliar sob a mesma ótica. Os escores individuais foram padronizados em escores-z. Os valores mínimos e máximos para escala de empatia foram - 2,71 e 1,86, respectivamente. Os valores no intervalo de -2,71 a -1,1 foram classificados como Baixa E; de -1 a 1 como Balanceado; e 1,1 a 1,86 como Alta E. Enquanto os valores mínimo e máximo para sistematização foram - 2,68 e 3,11 para sistematização. Segundo Wright e Skagerberg (2012), valores no intervalo de -2,68 a -1,1 foram classificados como Baixa S; de -1 a 1 como Balanceado; e 1,1 a 3,11 como Alta E. Porém, as duas escalas ao serem comparadas, houve discrepância entre os resultados (disponível na tabela 2 – Apêndice 1), sendo priorizada a versão de Castelhana-Souza et al. (2018).

Pêlos Corporais e Faciais

Foi construída pelos autores uma pequena escala de quantidade de pelos faciais e corporais, nas quais, para a barba foram apresentadas oito imagens de quantidade de pelos faciais que variavam do 1 (rosto liso) a 8 (barba completa) (Ver Figura 1). Para os pelos corporais uma escala de seis imagens que variavam de 1 (corpo sem pelos) a 6 (pelos presentes em grande quantidade no tórax e abdômen) (Figura 2). Foi solicitado que os participantes marcassem a imagem que mais se aproximasse do crescimento natural dos pelos faciais e corporais sem a influência de produtos para crescimento dos fios e/ou a ação da depilação e/ou barbear.



Figura 1. Escala de pelos faciais.

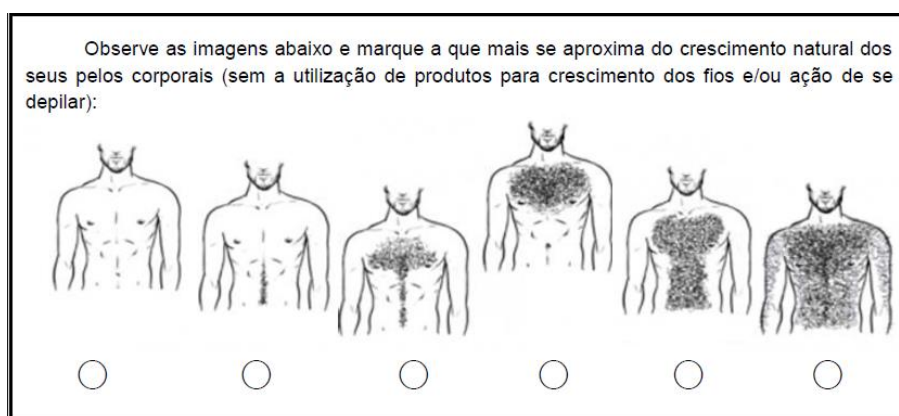


Figura 2. Escala de pelos corporais.

5. Procedimento

A coleta de dados foi realizada online, como supracitado, devido à pandemia de COVID-19. A pesquisa foi divulgada por meio de redes sociais (*Instagram, Facebook e Whatsapp*) e também a partir da indicação de pessoas conhecidos, assim como indicações realizadas pelos próprios participantes.

Os participantes foram informados sobre o objetivo da pesquisa antes de iniciarem a resolução dos questionários, como consta no TCLE resguardando assim os direitos dos participantes. Após concordarem com o termo, os participantes responderam aos questionários na presente sequência: Questionário Socioeconômico, Escala Klein

(adaptado por Brandão, 2016), Versão Curta das Escalas de Medição do Quociente Empatia-Sistematização - português brasileiro (Castelhano-Souza et al., 2018), Escala de Pelos Corporais e Faciais (Costa e Silva Jr, 2018). Foi recomendado que cada participante respondesse individualmente as perguntas.

Ao final do questionário, o participante informava se gostaria de seguir para a segunda etapa, caso afirmativo, fornecia assim uma forma de contato (telefone, *e-mail*, perfil em redes sociais) para o agendamento da participação na segunda etapa da pesquisa. Devido às restrições sanitárias impostas pela pandemia, a coleta de dados das medidas antropométricas teve que ser interrompida.

6. Resultados

Foram comparadas as versões reduzidas do Quociente de Empatia no estudo de Zheng et al, (2015) com a Versão Curta das Escalas de Medição do Quociente Empatia-Sistematização de Castelhano-Souza et al. (2018). Essa comparação foi realizada a fim de se obter uma estimativa do quanto os dois modelos eram capazes de fornecer os mesmos resultados em termos de categorização dos estilos cognitivos. Contudo, a frequência de homens classificados em cada estilo cognitivo variou significativamente, com mais homens classificados no perfil Balanceado ($n = 154$), seguido de Baixa E e S ($n = 80$), Alta E e Baixa S ($n = 25$) e Alta S e Baixa E ($n = 23$) e menor número de Alta E e S ($n = 22$). $X^2 = 142,809^a$; $p = 0,001$, $n = 304$. Devido a essa discrepância, o modelo com a escala adaptada ao contexto brasileiro foi preferido para realizar as análises subsequentes.

As diferenças no estilo cognitivo a partir da performance sexual (receptivo, insertivo e versátil) foram testadas utilizando o teste d de Somers, porém, não houve diferenças entre as performances, $X^2 = -,004$; $p = 0,938$, inclusive quando homens ginefílicos foram excluídos da comparação, $X^2 = -0,109$, $p = 0,127$ ($n = 152$).

Uma análise de correspondência (ANACOR) entre as variáveis Performance Sexual (Ativo, Versátil e Passivo) e estilos cognitivos (5 tipos) (Figura 3), observou-se que os ativos estiveram mais próximo do estilo cognitivo Baixa E e S; os versáteis entre os estilos cognitivos Alta E e S e Balanceado e os passivos ficaram mais próximos do estilo cognitivo Balanceado. Foi realizada também uma ANACOR com os androfílicos e ginefílicos (Ativo, Ativo/Versátil, Versátil, Versátil/Passivo, Passivo e os que não se relacionam com homens - ginefílicos) e estilos cognitivos (5 tipos) (disponível no apêndice, Figura 5). A análise das distâncias permite verificar que os Ativos/Versáteis não estiveram próximos a quaisquer estilos cognitivos. Ativos, assim como os passivos, estiveram mais próximos do estilo Balanceado e Baixa E e S, os versáteis estiveram mais próximo do Alta E e Baixa S, os Passivos/Versáteis mais próximo da Alta S e baixa E, enquanto os que não têm relacionamento com homens apresentaram uma proximidade com Baixa E e S.

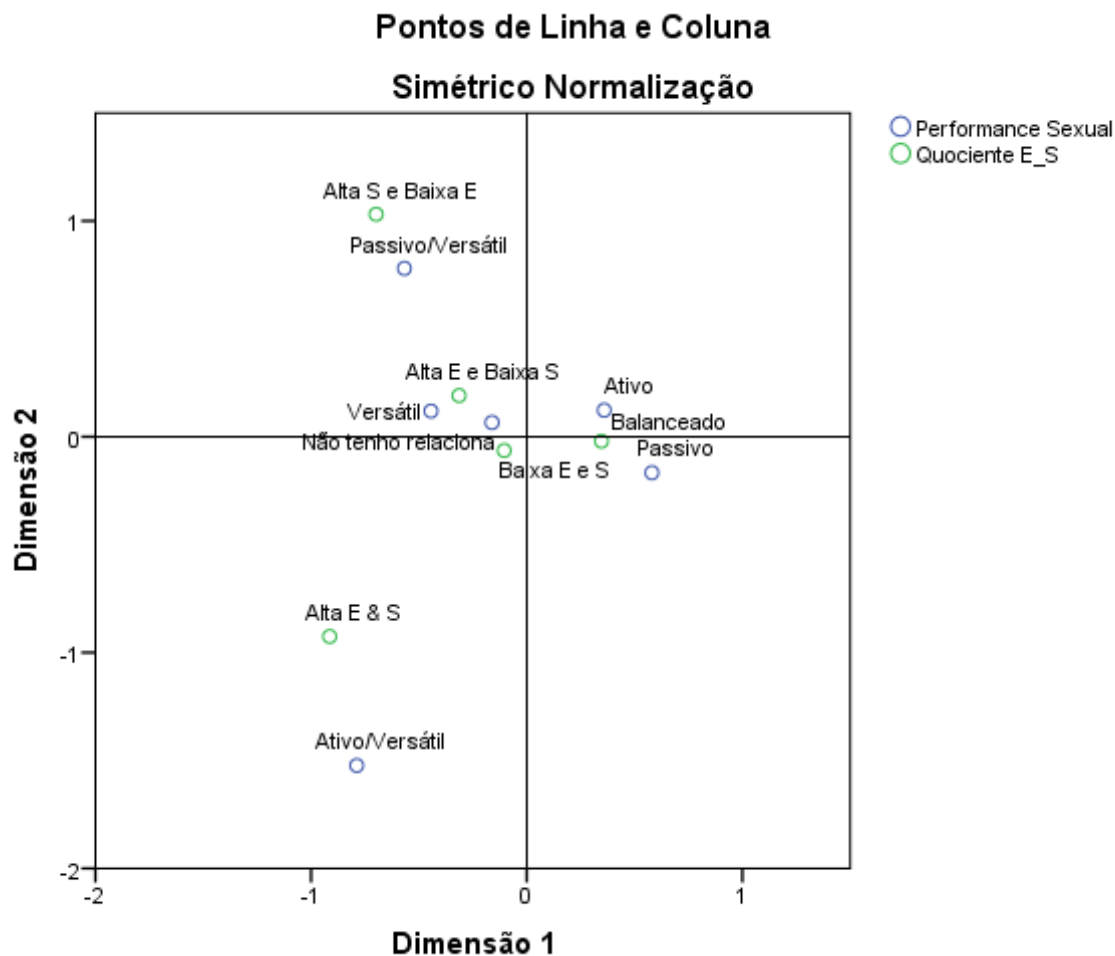


Figura 3. Análise de correspondência entre as variáveis Performance Sexual e estilos cognitivos de homens andrófilos.

Não foi encontrada diferença significativa entre homens andrófilos e ginefílicos (atração sexual) nos estilos cognitivos $X^2_4 = 4,427$; $p = 0,351$ ($n = 298$). De maneira similar, não foi encontrada diferença entre andrófilos, ginefílicos e os bissexuais (comportamento sexual) nos tipos de estilo cognitivos, $X^2 = 10,280$; $p = 0,246$ ($n = 304$). Foram incluídos os bissexuais, pois alguns indivíduos podem expressar seu comportamento sexual dissonante da atração sexual, porém, além dos bissexuais representarem um baixo percentual amostral ($n = 11$), não houve diferenças significativas ao incluí-los na análise.

Homens ginefílicos se autodeclararam significativamente mais conformes de gênero que homens andrófilos, $F = 8,107$, $p = 0,005$, $\eta^2 = 0,027$. Foram realizados dois testes

ANOVA, um para conformidade de gênero e performance sexual, no qual foi encontrado que homens insertivos se consideraram significativamente mais conformes de gênero que os receptivos, $F(2, 157) = 6,370$; $p = 0,002$; $\eta^2 = 0,076$; $\beta = 0,896$ (ver Tabela 02). No teste seguinte, identificamos que, homens com estilo Alta S e Baixa E declararam-se significativamente mais conformes de gênero que homens com estilo Alta E e Baixa S, $F = 2,980$, $p = 0,02$, $\eta^2 = 0,04$; $\beta = 0,792$).

Tabela 1. Conformidade de gênero por nível de performance sexual dos participantes.

Performance Sexual	Média	Erro Erro	Intervalo de Confiança 95%	
			Limite inferior	Limite superior
Insertivo	3,392	0,488	2,428	4,356
Versátil	2,380	0,493	1,406	3,354
Receptivo	1,000	0,466	0,080	1,920

Não encontramos diferenças nos níveis de conformidade de gênero a partir da extensão de pelos corporais ($F(1, 251) = 1,103$; $p = 0,315$) e faciais $F(1, 251) = 1,586$; $p = 0,209$). De modo similar, não houve diferenças entre homens androfílicos e ginefílicos nos níveis de extensão pelos faciais, $F(1, 298) = 0,317$; $p = 0,574$) e pelos corporais $F(1, 298) = 1,434$; $p = 0,232$. Por fim, também não houve diferenças entre os homens de estilos cognitivos diferentes e a extensão de pelos faciais, $F(4, 304) = 1,363$; $p = 0,247$ e pelos corporais $F(4, 304) = 2,334$; $p = 0,056$.

Uma análise de correspondência entre as variáveis conformidade de gênero (desconforme, conforme e altamente conforme) e estilos cognitivos (5 tipos). A análise das distâncias permite verificar que os homens desconformes estiveram mais próximos do estilo Alta E e Baixa S, os Conformes estiveram mais próximos do estilo Balanceado, enquanto os Altamente conformes não apresentaram uma proximidade específica entre os estilos cognitivos quaisquer.

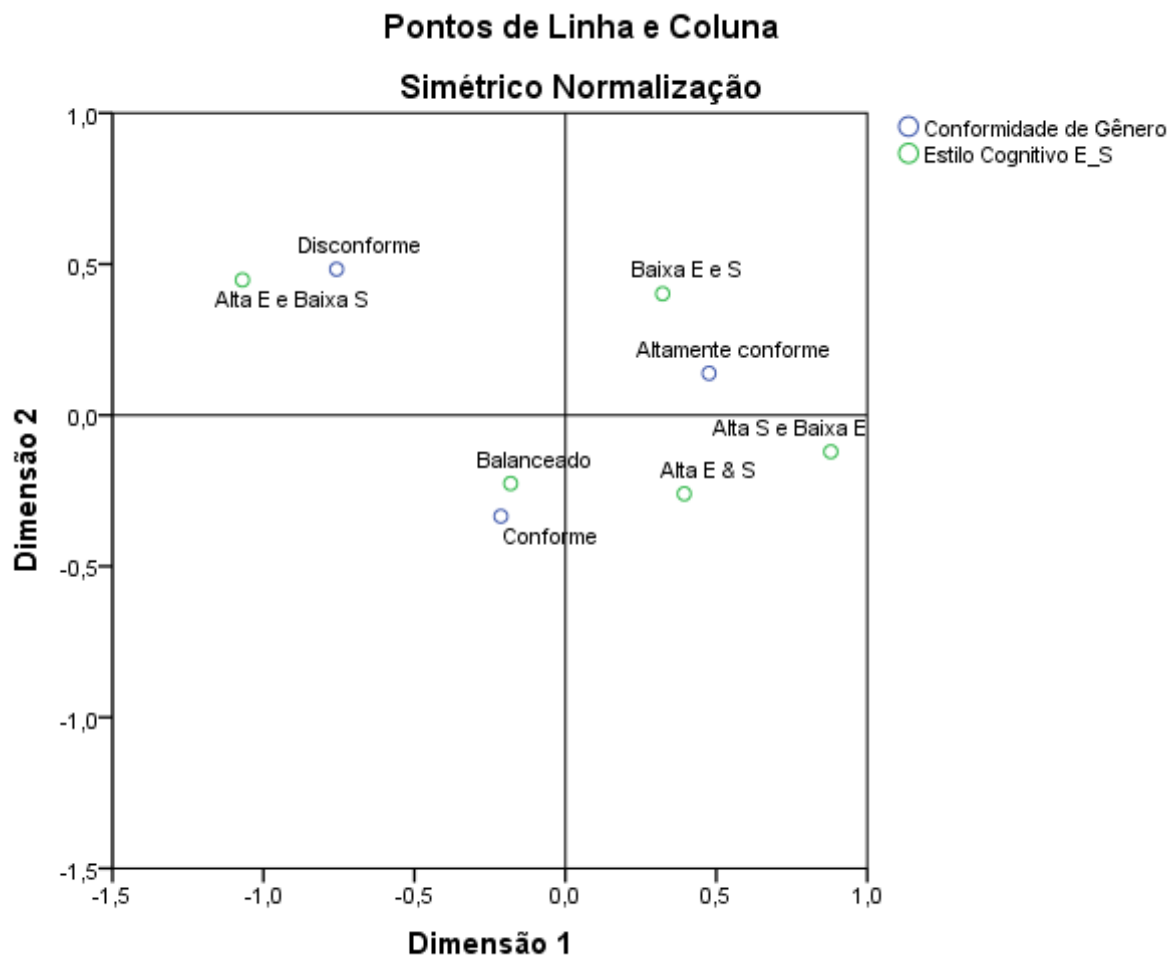


Figura 4. Análise de correspondência entre as variáveis Conformidade de Gênero e Estilo Cognitivo.

7. Discussão

Com esse estudo, buscamos investigar se o estilo cognitivo, por meio das escalas de empatia e sistematização, diferia entre homens androfílicos e ginefílicos, bem como entre homens androfílicos com diferentes performances sexuais. Buscamos verificar, adicionalmente, se a conformidade de gênero, mensurada pela escala do Contínuo Masculino-Feminino Autodeclarado – autopercepção de masculinidade e autopercepção feminilidade – (Singht et al., 1999 adaptada para o português por Veloso e Brito, 2014 e adaptada por Silva, 2018) se relacionava com as variáveis anteriores.

Contrariamente aos resultados de Zheng não houve diferenças significativas nos estilos cognitivos empático-sistemático Baron-Cohen (2004) entre os homens

androfílicos considerando a performance sexual em nossa amostra. De forma semelhante, não foram encontradas diferenças entre homens androfílicos e ginefílicos nos estilos cognitivos. Apesar desses resultados apontarem para certa homogeneidade entre homens de diferentes atrações sexuais e de diferentes performances sexuais, a conformidade de gênero influente na diferenciação dos estilos cognitivos (Svedholm-Häkkinen et al., 2018), mostrou-se significativa entre as atrações sexuais e entre as performances. Há um conjunto de possibilidades que podem explicar a diferença entre os resultados, tais como os métodos de amostragem, a forma como foram classificadas a orientação ou atração sexual dos participantes, diferenças quanto à quantidade de itens utilizados para compor as classificações dos estilos cognitivos e diferenças culturais entre o Brasil e a China. A seguir, vamos discutir cada uma dessas possibilidades.

O método de amostragem dos participantes adotado por Zheng et al. (2015) foi o site de pesquisa, enquanto que para o presente artigo foi adotada a amostragem por conveniência, sendo utilizadas a indicação de amigos, postagens nas redes sociais (Facebook, Instagram, Whatsapp) e a indicação dos próprios participantes.

A atração sexual e o comportamento sexual foram avaliadas utilizando as medidas no presente (de um ano atrás até o momento atual da vida do participante). Neste artigo, foi utilizada para a coleta da atração sexual e comportamento sexual dos participantes a escala Klein (Brandão, 2016), sendo adotado neste, a terminologia atração sexual ao invés da orientação sexual devido aos tabus sociais em relação as orientações não-heterossexuais como supracitado. Na escala Klein, há uma separação de atração e comportamento sexuais, o que pode influenciar positivamente a resposta do participante já impactado por questões sociais e de história de vida na autopercepção da sua sexualidade. Para Zheng et al. (2015), a orientação sexual foi aferida a partir de três itens “Qual a sua orientação sexual? (Heterossexual (Ht); Homossexual (Hm); Bissexual (Bi));

Quanto você se sente atraído por homens?; Quanto você se sente atraído por mulheres?”, estas duas últimas era solicitado que o participante marcasse em uma escala Likert de 7 pontos (Nenhum pouco - Muito). A autodeclaração da performance sexual para Zheng foi aferida com a pergunta “Você pensa em si mesmo como 1 ou um 0?” (1 – Ativo; 0,5 – Versátil; 0 – Passivo), enquanto que foi coletado neste trabalho “Se você tem (presente) relacionamentos sexuais com homens, como você classifica seu comportamento/performance sexual?”.

E por fim, a conformidade de gênero foi coletada em Zheng com 4 itens “Eu sou uma pessoa masculina”; “Eu sou uma pessoa feminina”; “Eu ajo, aparento e sou interpretado pelos outros como uma pessoa masculina”; “Eu ajo, aparento e sou interpretado pelos outros como uma pessoa feminina”, o participante poderia marcar em uma escala Likert de 5 pontos (“1- Não é verdade sobre mim” a “5 – Fortemente verdade sobre mim”) (Storms, 1979) e neste trabalho foi realizado com “Se você tivesse que se descrever globalmente, em termos de comportamento, estilo, expressão e autopercepção. Qual tipo de homem você seria?”. Escala likert de 1 a 9 para masculino e feminino (Souza, 2018).

Em Castelhana-Souza et al. (2018), a escala QE possui 21 itens, distribuídos em quatro domínios descritos como Capacidades Sociais; Reatividade Emocional; Empatia Cognitiva, Dificuldades Empáticas. A escala QS apresenta 25 questões distribuídas entre os fatores Conteúdos e Processos. Enquanto que a de Zheng et al. (2015), na qual são utilizados oito itens contidos na escala da versão curta do Quociente Q-E de Castelhana-Souza et al.

Não encontramos diferenças significativas entre ginefílicos e androfílicos no que tange o estilo cognitivo empático-sistemático (Baron-Cohen, 2004), diferente de Zheng e Zheng (2010), bem como não foi confirmada a diferença entre androfílicos a partir das

performances sexuais (insertivo, versátil e receptivo) diferente do artigo de Zheng et al. (2015). Porém, foi encontrado que os mais conformes de gênero alcançaram escores mais altos no quociente de sistematização. Segundo Svedholm-Häkkinen et al. (2018), homens conformes de gênero apresentaram estilo cognitivo mais sistemático, enquanto que homens não-conformes de gênero apresentam maior tendência a apresentar estilos cognitivos encontrados em média no sexo diferente. Esse dado também vai ao encontro aos achados de Zheng et al. (2015) que demonstrou que os homens que se declaravam mais masculinos alcançaram maiores escores em sistematização.

Outra possibilidade é que essas diferenças podem ter sido mediadas pelas diferenças culturais entre os participantes das amostras. Os participantes da pesquisa de Zheng et al. (2015) foram provenientes de 159 cidades chinesas, em sua maioria de províncias, enquanto que a maioria dos participantes do presente estudo são predominantemente de uma cidade no norte do Brasil com uma parcela menor proveniente de grandes centros urbanos brasileiros, tais cidades são influenciadas por questões econômicas, religiosas, culturais, linguísticas com diferenças significativas. Stern (2010) elucida também que a abordagem sobre orientações não-heterossexuais (e suas terminologias) tem pouco tempo na cultura chinesa, diferente da brasileira, o que pode ter contribuído na amostra chinesa para a autoidentificação mediante estereotipização de comportamentos relativos aos gêneros, processo comum em sociedades mais conservadoras (Wegesin e Meyer-Bahlburg, 2000). Dados semelhantes, demonstrando essa dicotomia masculina e feminina foram encontrados em pesquisas de Zheng e Zheng (2010), Zheng et al. (2011; 2012), Zheng et al. (2013), Zheng e Zheng (2014) e Zheng e Zheng (2015). Todas as pesquisas conduzidas com amostras de participantes chineses.

É possível observar, por exemplo, que na presente amostra os homens ginefílicos se consideraram mais conformes que os androfílicos, e entre estes últimos, os insertivos se consideraram significativamente mais conformes que os receptivos. Esse último resultado apresentou um tamanho de efeito moderado, enquanto o anterior um tamanho de efeito pequeno. Em sociedades com papéis de gênero masculinos e femininos mais estereotipados é possível observar homens androfílicos, baseando-se na preferência sexual na prática do sexo anal, reproduzirem os padrões binários de relações heterossexuais (Jhons et al., 2012; Wegesin e Meyer-Bahlburg, 2000). Contudo, pouco podemos afirmar do porquê dessas diferenças, devido à ausência de outras variáveis que nos permitissem verificar se as diferenças em conformidade podem ser atribuídas à imposição de normas sociais estereotipadas associadas à heterossexualidade, incluindo papel insertivo no relacionamento, ou se emergem de preferências individuais, ou da combinação de ambos. Porém, Moskowitz e Hart (2011) encontraram dados que demonstram que é possível que insertivos sintam-se mais conformes de gênero e se autodescrevam com características mais masculinas que receptivos, dando suporte a hipótese de que emergem de preferencias individuais.

A conformidade de gênero foi o único fator nas diferenças individuais entre homens ginefílicos e androfílicos em nosso estudo, mais evidente entre os androfílicos e o quanto os indivíduos se consideram mais masculinos ou mais femininos (Bailey e Zucker, 1995; Bailey 2003; Rieger e Savin-Williams 2012; Nováková et al., 2013; Sandfort et al., 2018). Em nossa amostra, é possível verificar a diferença na conformidade de gênero entre os androfílicos, e como foi dito anteriormente, há uma diversidade mais evidente na população LGBTQIAP+.

Estudos com a população LGBTQ vem analisando padrões adotados por essa comunidade como frutos do processo de socialização, como a adoção da

heteronormatividade, que seria considerar padrões masculinos associados à atividade física, vigor, dominância e interesse por atividades tipicamente masculinas. Considerando que homens andrófilos se encaixariam menos nos padrões heteronormativos, por se relacionarem com outros homens, eles poderiam segundo essa perspectiva, se verem como menos masculinos. Os homens receptivos além de se relacionarem com homens, ainda apresentam papel sexual associado ao sexo/gênero feminino, como ser penetrados durante a relação sexual, o que poderia reforçar a autopercepção de desconformidade de gênero.

Embora a utilização de uma medida de conformidade de gênero tenha se mostrado útil para investigar as diferenças entre homens quanto à sua atração sexual, performance sexual e estilos cognitivos, ela não pôde informar a origem das diferenças entre esses grupos. Faz-se necessário investigar aspectos culturais conjuntamente com aspectos hormonais para melhor compreender como se desenvolvem as diferenças individuais no campo da sexualidade (ver Silva Júnior e Correa, 2021; Vasey e VanderLaan, 2015), pois há fortes indícios que a conformidade de gênero e androfilia estão relacionadas com a presença de biomarcadores tais como a possuir outros homens andrófilos na mesma família, ser canhoto e ter nascido após uma sucessão de filhos do sexo masculino (Swift-Gallant et al., 2019). Estudos futuros podem se beneficiar ao incluir essas variáveis em seus designs de pesquisa ao endereçar as diferenças na orientação e atração sexuais.

A maioria dos estudos sobre as diferenciações das características entre homens e mulheres visam as estratégias específicas de cada sexo biológico (Buunk & Fisher, 2009). A visão bidimensional dos sexos biológicos, o binarismo de gênero e a heteronormatividade parecem influenciar o meio acadêmico/científico em diversas produções, reforçando assim a dicotomia pênis-vagina, macho-fêmea, homem-mulher, masculino-feminino, que ainda se faz presente na sociedade, atrelando às anatomias

sexuais biológicas o gênero, orientação sexual e expressões comportamentais (Heilborn, 1994; Santos, 2013). Dessa forma, acabam por invisibilizar as intersexualidades, as orientações sexuais não-heterossexuais e as identidades de gênero não-binárias e suas características peculiares como grupos diversos (Santos, 2013).

Por fim, a discussão sobre pelos corporais e faciais não apresentou diferença significativa em nenhum dos testes de correlação: atração sexual, performance sexual e conformidade de gênero. Os dados acerca dessas características viriam ao encontro do estudo de Moskowitz e Hart (2011) que encontraram diferenças entre performances sexuais e características masculinas, porém eram todas autodescritivas, enquanto que no presente trabalho, seria feita a amostragem de medidas antropométricas das proporções ombro-cintura e cintura-quadril (proporções altamente difundidas na literatura como biomarcadoras do dimorfismo sexual (Hughes e Gallup, 2002), porém, esse ponto da pesquisa teve de ser adiado por conta da pandemia do novo coronavírus.

Considerações finais

Zheng et al. (2015) podem ter encontrado diferenças significativas entre os participantes que responderam ao Quociente E-S devido à forma de coleta ou pela utilização de um instrumento reduzido que pode ter enviesado os resultados, que não se reproduzem no instrumento completo. É possível que a versão mais curta (de apenas oito itens) do QE-S faça com que características dos estilos cognitivos fiquem mais evidentes fazendo com que haja uma diferenciação com um maior poder de efeito. Considera-se importante que sejam testados na amostra brasileira a escala tal como utilizada no estudo de Zheng et al. (2015) para esclarecer se de fato as diferenças encontradas entre este estudo e o presente estudo devem-se à utilização de escalas e itens diferentes ou a características dos próprios países em questão.

Grupos sociais de homens androfílicos possuem nuances específicas e características singulares, que devem ser consideradas para compreender seu comportamento. Estudos com essa população fora do contexto da infecção por HIV são escassos de um modo geral, logo, a investigação de outras temáticas pode favorecer o conhecimento científico acerca deste grupo marginalizado, contribuindo assim para compreensão deste funcionamento humano, bem como para a diminuição dos preconceitos e desconhecimentos sobre as sexualidades diferentes das heteronormativas (Souza, 2019; Zheng, 2012).

Na presente pesquisa, a quantidade de participantes foi uma limitação, em amostras maiores e mais diversas podem ser encontrados dados diferentes. Foi encontrada também a impossibilidade da realização da pesquisa com a coleta presencial devido à pandemia do coronavírus. Essas limitações podem gerar possibilidades para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- Abdo, C. H. N. (1997). Homossexualidade: Do conceito ao tratamento. In C. H. N. S. Abdo (Ed.), *Sexualidade humana e seus transtornos* (pp. 127- 149). São Paulo, SP: Lemos.
- Abe´, C, Johansson, E, Allze´n, E, & Savic, I. (2014). Sexual Orientation Related Differences in Cortical Thickness in Male Individuals. *PLOS ONE* 9 (12): e114721.
- Acevedo, M. (2021). Construção s gnica da masculinidade e laços de homossociabilidade nos quadrinhos. *Revista História: Debates e Tend ncias*, 21(2), 9 - 24. <https://doi.org/10.5335/hdtv.21n.2.12429>
- American Psychiatric Association. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5*. 5th ed. Washington: American Psychiatric Association; 2013. doi: 10.1176/appi.books.9780890425596.
- Arnold, A. P. (2017) A General Theory of Sexual Differentiation. *Journal of Neuroscience Research*, 95, 291–300.

- Bailey, J.M. (2003). *The man who would be queen: The science of gender-bending and transsexualism*. Washington, DC: Joseph Henry Press.
- Bailey, J.M., & Zucker, K.J. (1995). Childhood sex-typed behavior and sexual orientation: A conceptual analysis and quantitative review. *Developmental Psychology*, 31(1), 43–55. <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.31.1.43>
- Baron-Cohen, S. (2004). *Diferença essencial*. Editora Objetiva.
- Bártová, K., Štěrbová, Z., Varella, M. A. C., & Valentova, J. V. (2020). Femininity in men and masculinity in women is positively related to sociosexuality. *Personality and Individual Differences*, 152, 109575. doi:10.1016/j.paid.2019.109575
- Brandão, F. I. B. (2017) *Orientação Sexual de Gêmeos do Norte do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento. Universidade Federal do Pará.
- Buunk, A. P., & Fisher, M. (2009). Individual differences in intrasexual competition. *Journal of Evolutionary Psychology*, 7(1), 37–48. doi:10.1556/jep.7.2009.1.5
- Cardoso, F. L. (2009). Recalled sex-typed behavior in childhood and sports' preferences in adulthood of heterosexual, bisexual, and homosexual men from Brazil, Turkey, and Thailand. *Archives of Sexual Behavior*, 38(5), 726-736.
- Carrier, J. M. (1977). “Sex role preference” as an explanatory variable in homosexual behavior. *Archives of Sexual Behavior*, 6, 53–65.
- Castelhano-Souza, M., Mendes, I. A. C., Martins, J. C. A., Trevizan, M. A., Souza-Júnior, V. D., & Godoy, S. de. (2019). Validação semântica das versões curtas das Escalas de Medição do Quociente de Empatia/Sistematização. *Revista Latino-Americana De Enfermagem*, 26, e3044. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2606.3044>
- Cohen-Kettenis, P. T., Owen, A., Kaijseer, V. G., Bradley, S. J., & Zucker, K. J. (2003). Demographic characteristics, social competence, and behavior problems in children with gender identity disorder: A cross-national, cross-clinic comparative analysis. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31, 41–53.
- Connellan H, Baron-Cohen S, Wheelwright S, Batki A & Abluwalla J. Sex differences in human neonatal social perception. *Infant Behavior and Development* 2000; 23:113-8. [https://doi.org/10.1016/S0163-6383\(00\)00032-1](https://doi.org/10.1016/S0163-6383(00)00032-1)
- Del Giudice, M. (2019). Sex differences in attachment styles. *Current Opinion in Psychology*, 25, 1–5. doi:10.1016/j.copsyc.2018.02.004
- Folkierska-Żukowska, M. (2021). The Role of Childhood Gender Nonconformity in Cognitive and Neural Correlates of Sexual Orientation in Men, in the context of the Systemizing-Empathizing Theory.

- Hu, K., & Li, X. (2019). The Effects of Media Use and Traditional Gender Role Beliefs on Tolerance of Homosexuality in China. *Chinese Sociological Review*, 1–26. doi:10.1080/21620555.2019.1595567
- Hughes, S. M., & Gallup, G. G. (2003). Sex differences in morphological predictors of sexual behavior. *Evolution and Human Behavior*, 24(3), 173–178. doi:10.1016/s1090-5138(02)00149-6
- Ingudomnukul, E., Baron-Cohen, S., Wheelwright, S., & Knickmeyer, R. (2007). Elevated rates of testosterone-related disorders in women with autism spectrum conditions. *Hormones and Behavior*, 51(5), 597–604. doi:10.1016/j.yhbeh.2007.02.001
- Jeffery, A. J. (2017). Human Male Homosexuality and Alternative Reproductive Strategies: The Satellite Hypothesis (Doctoral dissertation, Oakland University).
- Johns, M. M., Pingel, E., Eisenberg, A., Santana, M. L., & Bauermeister, J. (2012). Butch Tops and Femme Bottoms? Sexual Positioning, Sexual Decision Making, and Gender Roles Among Young Gay Men. *American Journal of Men's Health*, 6(6), 505–518. doi:10.1177/1557988312455214
- Kappaun, A. O. (2017). Um Lugar no Limite entre o Ocidente e o Oriente: O Brasil do Século XIX, Pós-Colonialismo e Análise de Sistema-Mundo. NEIBA. Volume VI, N. 1. Dezembro de 2017. Disponível em: <file:///D:/Downloads/39532-133916-1-PB.pdf>. Visitado em: 05/06/2021.
- Kidron R, Kaganovskiy L, Baron-Cohen S (2018) Empathizing-systemizing cognitive styles: Effects of sex and academic degree. *PLOS ONE* 13(3): e0194515. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0194515>
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., Martin, C. E., & W.B. Saunders Company,. (1948). *Sexual behavior in the human male*.
- Klein F, Sepekoff B, Wolf TJ. Sexual orientation: a multi-variable dynamic process. *J Homosex.* 1985 Spring;11(1-2):35-49. doi: 10.1300/J082v11n01_04. PMID: 4056393.
- Kordsmeyer, T. L., Hunt, J., Puts, D. A., Ostner, J., & Penke, L. (2018). The relative importance of intra- and intersexual selection on human male sexually dimorphic traits. *Evolution and Human Behavior*, 39(4), 424–436. Doi:10.1016/j.evolhumbehav.2018.03.008
- Lemes, Sebastião de S. (2012) Os estilos cognitivos na educação escolar e sua dimensão conceitual como aporte teórico para a orientação do ensino e da aprendizagem. *Camine: Caminhos da Educação*, v. 4.
- Louro, G. L. (2013) (org.) *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 3ª edição. 7-34.

- Milfont, Taciano Lemos, Coelho, Jorge Artur Peçanha de Miranda, Pessoa, Viviany Silva, & Gouveia, Valdiney Veloso. (2012). Sexo, estilos cognitivos e mapas cognitivos: avaliando suas relações na população geral. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 17(1), 25-33. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000100004>
- Moskowitz, D. A., Rieger, G., & Roloff, M. E. (2008). Tops, bottoms, and versatiles. *Sexual and Relationship Therapy*, 23, 191–202.
- Moskowitz, David A.; Hart Trevor A. (2011) The Influence of Physical Body Traits and Masculinity on Anal Sex Roles in Gay and Bisexual Men. *Arch Sex Behav.* 40, 835–841.
- Pretes, É. A., & Vianna, T. (2007). História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo. *Iniciação científica: destaques*, 1, 313-392.
- Puts, D. (2016). Human sexual selection. *Current Opinion in Psychology*, 7, 28-32.
- Puts, D. A., Bailey, D. H., & Reno, P. L. (2015). Contest competition in men. In D. M. Buss (Ed.), *The Handbook of Evolutionary Psychology* (Vol. 1: Foundations; pp. 385-402). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons.
- Quinhones, D. G., Cid, A. V. C, Trento, Y. L. (2019). A Transgeneridade como Resistência a uma Lógica totalitária: Uma leitura a partir da Teoria do Self Gestáltico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39 (n.spe 3.), 35-48. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228567>
- Rahman, Q., & Wilson, G. D. (2003). Born gay? The psychobiology of human sexual orientation. *Personality and Individual Differences*, 34(8), 1337–1382. doi:10.1016/s0191-8869(02)00140-x
- Sandfort, T. G. M., Bos, H., & Reddy, V. (2018). Gender Expression and Mental Health in Black South African Men Who Have Sex with Men: Further Explorations of Unexpected Findings. *Archives of Sexual Behavior*. doi:10.1007/s10508-018-1168
- Sidari, M. J., Lee, A. J., Murphy, S. C., Sherlock, J. M., Dixon, B. J. W., & Zietsch, B. P. (2020). Preferences for Sexually Dimorphic Body Characteristics Revealed in a Large Sample of Speed Daters. *Social Psychological and Personality Science*, 194855061988292. doi:10.1177/1948550619882925
- Silva Júnior, M. D. & Corrêa, V. V. (2021). A Evolução da Sexualidade Humana: um olhar sobre a orientação sexual. Em: *Psicologia e Sexualidade: Diversidade Sexual*, Orgs M. Ramos & E. Cerqueira, p. XXX. Editora Dialética, São Paulo, Brasil.
- Silva, A. J. A. (2018) Evidências de Validade do *Male Sexual Function Index* Em Homens De Diferentes Orientações Sexuais. Universidade Federal do Pará. Belém. Dissertação de mestrado.
- Stern, F. L. (2010). Homossexualidade, transexualismo e Medicina Tradicional Chinesa. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 4(05).

- Svedholm-Häkkinen, A. M., Ojala, S. J., & Lindeman, M. (2018). Male brain type women and female brain type men: Gender atypical cognitive profiles and their correlates. *Personality and Individual Differences*, 122, 7–12. doi:10.1016/j.paid.2017.09.041
- Swift-Gallant, A., Coome, L. A., Aitken, M., Monks, D. A., & VanderLaan, D. P. (2019). Evidence for distinct biodevelopmental influences on male sexual orientation. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 116(26), 12787–12792. doi:10.1073/pnas.1809920116
- Swift-Gallant, A., Coome, L.A., Monks, D.A. et al. Gender Nonconformity and Birth Order in Relation to Anal Sex Role Among Gay Men. *Arch Sex Behav* 47, 1041–1052 (2018). <https://doi.org/10.1007/s10508-017-0980-y>
- VanderLaan, D.P., Ren, Z. & Vasey, P.L. (2013) Male Androphilia in the Ancestral Environment. *Hum Nat* 24, 375–401 <https://doi.org/10.1007/s12110-013-9182-z>
- Vasey, P. L., & VanderLaan, D. P. (2014). Evolving research on the evolution of male androphilia. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 23(3), 137–147. doi:10.3138/cjhs.23.3-co1
- Veloso, V. (2014). Comparison of partner choice between lesbians and heterosexual women. *Psychology*, 5(02), 134.
- Wakabayashi A, Baron-Cohen S, Wheelwright S, Goldenfeld N, Delaney J, Fine D, et al. Development of short forms of the Empathy Quotient (EQ-Short) and the Systemizing Quotient (SQ-Short). *Personality and Individual Differences*. [Internet]. 2006 [cited Aug 25, 2017]; 4: 929-40. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2006.03.017>
- Walters, S., & Crawford, C. B. (1994). The importance of mate attraction for intrasexual competition in men and women. *Ethology and Sociobiology*, 15(1), 5–30. doi:10.1016/0162-3095(94)90025-6
- Wegesin, D. J., & Meyer-Bahlburg, H. F. L. (2000). Top/Bottom Self-Label, Anal Sex Practices, HIV Risk and Gender Role Identity in Gay Men in New York City. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 12(3), 43–62. doi:10.1300/j056v12n03_03
- Wells, J. C. K. (2007). Sexual dimorphism of body composition. *Best Practice & Research Clinical Endocrinology & Metabolism*, 21(3), 415–430. doi:10.1016/j.beem.2007.04.007
- Yamasaki, B, Oliveira, P. I. (2020). O Que Significa Não-Binariedade pra Você. Retirado de: <https://www.allout.org/pt/blog/o-que-significa-nao-binariiedade-para-voce>. Acessado em: 28/05/2021.
- Yule, M.A., Brotto, L.A. & Gorzalka, B.B. Human Asexuality: What Do We Know About a Lack of Sexual Attraction?. *Curr Sex Health Rep* 9, 50–56 (2017). <https://doi.org/10.1007/s11930-017-0100-y>

- Zheng L, Hart TA, Zheng Y. (2015) Top/Bottom Sexual Self-labels and Empathizing-Systemizing Cognitive Styles Among Gay Men in China. *Arch Sex Behav*. 2015 Jul;44(5):1431-8. doi: 10.1007/s10508-014-0475-z. Epub 2015 Feb 7. PMID: 25663239.
- Zheng, L., & Zheng, Y. (2014). Correlated preferences for male facial masculinity and partner traits in gay and bisexual men in China. *Archives of Sexual Behavior*. <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-014-0407-y>.
- Zheng, L., & Zheng, Y. (2015). Young gay men's sexism predict their male facial masculinity preference in China. *Personality and Individual Differences*, 76, 183-186.
- Zheng, L., & Zheng, Y. (2015). Sex and sexual orientation differences in empathizing-systemizing cognitive styles in China. *Personality and Individual Differences*, 87, 267–271. doi:10.1016/j.paid.2015.08.014
- Zheng, L., Hart, T. A., & Zheng, Y. (2013). Attraction to male facial masculinity in gay men in China: Relationship to intercourse preference positions and sociosexual behavior. *Archives of Sexual Behavior*, 42, 1223–1232.
- Zheng, L., Hart, T.A. & Zheng, Y. (2012) The Relationship Between Intercourse Preference Positions and Personality Traits Among Gay Men in China. *Arch Sex Behav* 41, 683–689. <https://doi.org/10.1007/s10508-011-9819-0>
- Zheng, L., Lippa, R. A., & Zheng, Y. (2011). Sex and sexual orientation differences in personality in China. *Archives of Sexual Behavior*, 40, 533–541.

APÊNDICE 1

Pontos de Linha e Coluna

Simétrico Normalização

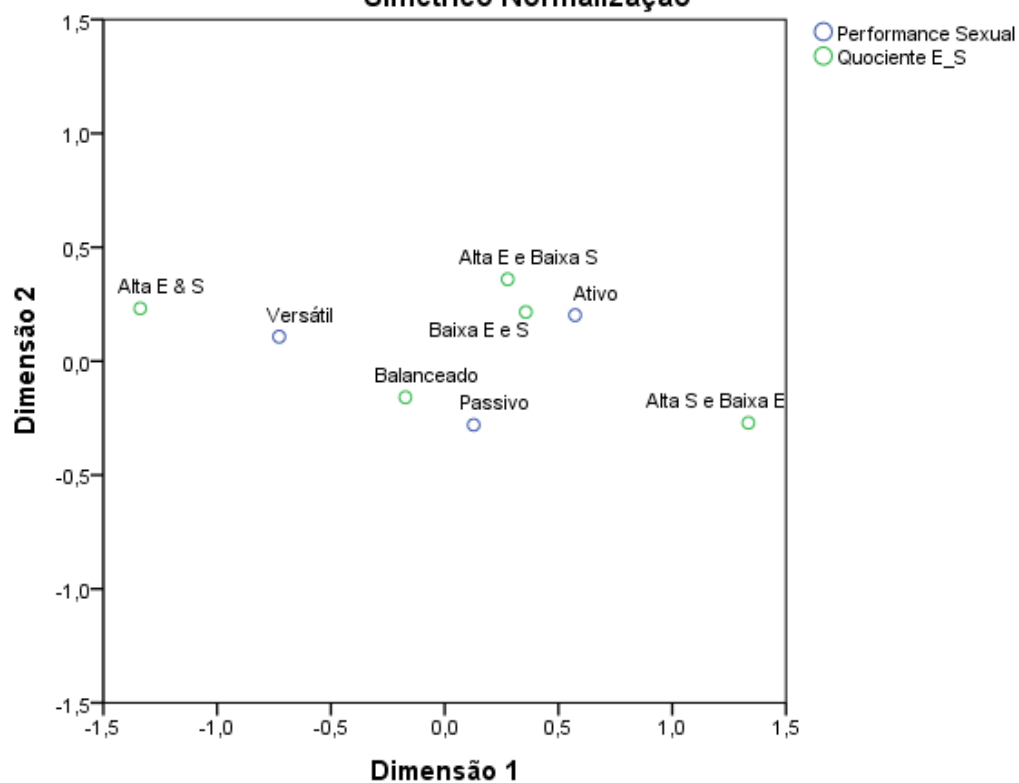


Figura 5. Análise de correspondência entre as variáveis Performance Sexual e estilos cognitivos de homens andrófilos.

Tabulação cruzada Estilo Cognitivo Total * Q_E_S_Completo								
		Q_E_S_Completo						Total
Estilo Cognitivo Total			Balanceado	Baixa E e S	Alta E e Baixa S	Alta S e Baixa E	Alta E & S	
	Balanceado	Contagem	96	20	3	7	3	129
		% em Estilo Cognitivo Total	74,4%	15,5%	2,3%	5,4%	2,3%	100,0%
		% em Q_E_S_Completo	62,3%	25,0%	12,0%	30,4%	13,6%	42,4%
	Baixa E e S	Contagem	34	47	2	2	0	85
		% em Estilo Cognitivo Total	40,0%	55,3%	2,4%	2,4%	0,0%	100,0%
		% em Q_E_S_Completo	22,1%	58,8%	8,0%	8,7%	0,0%	28,0%
	Alta E e Baixa S	Contagem	12	7	15	1	5	40
		% em Estilo Cognitivo Total	30,0%	17,5%	37,5%	2,5%	12,5%	100,0%
		% em Q_E_S_Completo	7,8%	8,8%	60,0%	4,3%	22,7%	13,2%
	Alta S e Baixa E	Contagem	11	6	3	13	7	40
		% em Estilo Cognitivo Total	27,5%	15,0%	7,5%	32,5%	17,5%	100,0%
		% em Q_E_S_Completo	7,1%	7,5%	12,0%	56,5%	31,8%	13,2%
	Alta E & S	Contagem	1	0	2	0	7	10
		% em Estilo Cognitivo Total	10,0%	0,0%	20,0%	0,0%	70,0%	100,0%
		% em Q_E_S_Completo	0,6%	0,0%	8,0%	0,0%	31,8%	3,3%
Total	Contagem		154	80	25	23	22	304
	% em Estilo Cognitivo Total		50,7%	26,3%	8,2%	7,6%	7,2%	100,0%
	% em Q_E_S_Completo		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 2. Tabulação cruzada dos modelos de QE-S. A tabela apresenta a porcentagem de diferenças entre os modelos de modelo de Zheng e de Castelhana-Souza.

Anexo 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Diferenças Anatômicas e Cognitivas em Homens de Acordo com a Orientação Sexual, Performance Sexual e o Contínuo Masculino-Feminino”, de responsabilidade dos pesquisadores Wanderson da Silva Costa, estudante de mestrado da Universidade Federal do Pará, respectivamente, sob orientação do professor Mauro Dias Silva Júnior.

O nosso objetivo é investigar as diferenças anatômicas e cognitivas em homens de diferentes orientações sexuais. Bem como, verificaremos o quanto os aspectos anatômicos e comportamentais podem estar interligados com a orientação sexual, performance sexual, contínuo masculino-feminino e influenciando aspectos emocionais e da personalidade dos indivíduos.

Todos os esclarecimentos serão passados a você antes, durante e após a finalização da pesquisa, e não sendo necessária a identificação, ou seja, o presente questionário é anônimo. Portanto, de acordo com as normas éticas para realização de pesquisas científicas, será assegurado o total sigilo quanto às informações fornecidas pelos participantes deste estudo. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa ficarão sob a guarda dos pesquisadores responsáveis pela pesquisa. A sua participação é de grande valor, pois buscamos desenvolver uma compreensão mais ampla sobre as possíveis diferenças individuais e grupais entre a população de homens heterossexuais e homossexuais. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

A pesquisa será realizada por meio de um conjunto de questionários/inventários aplicados presencialmente concomitante com a aplicação de testes físicos de bioimpedância elétrica e medição das falanges dos dedos, caso você se sinta desconfortável ou incomodado, por qualquer motivo, esteja à vontade para interromper sua participação a qualquer momento. Estimamos que a sua participação seja de aproximadamente 60 minutos para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são desconforto com as perguntas sobre sua orientação sexual, relações sexuais e afetivas, performance sexual e a parcial exposição do corpo durante a medição do Índice de Massa Corporal (IMC) na balança de Bioimpedância Elétrica.

Os resultados dessa pesquisa serão apresentados em forma de dissertações e em artigos científicos sem identificação dos participantes. O benefício que este trabalho poderá trazer aos participantes não é direto ou imediato, mas os resultados poderão contribuir para entender melhor o funcionamento anatômico, cognitivo, emocional e sexual de homens heterossexuais e homossexuais.

Se houver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode nos contatar através dos telefones: Wanderson Costa (91 – 98312-1672) ou para o pesquisador responsável Mauro Silva Júnior (Tel: 61 – 3107.6838 ou e-mail: juniormsilva@unb.br ou 61 – 99699.9497), na (61) 3107-6838.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, endereço Rua Augusto Corrêa, 01, Campus Universitário do Guamá, Campus III – Complexo da Saúde – Belém, Pará, Brasil, telefone (91) 3201-7735, e-mail cepccs@ufpa.br.

Ao assinar este documento você declara que leu as informações acima e está de acordo em participar da pesquisa de forma voluntária e anônima. Guarde esta cópia em caso de dúvidas ou necessite de esclarecimentos por parte da equipe de pesquisadores.

Assinatura do Participante

Wanderson Costa

Anexo 2

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Por favor, responda os itens abaixo.

1. Cidade onde você nasceu:

2. Cidade onde você mora atualmente:

3. Data de nascimento:

4. Grau de instrução:

Ensino Fundamental Incompleto	
Ensino Fundamental Completo	
Ensino Médio Incompleto	
Ensino Médio Completo	
Graduação Incompleto	
Graduação Completo	
Pós-Graduação Incompleta	
Pós-Graduação Completa	

5. Você se considera: () Branco () Negro
() Amarelo () Pardo () Indígena

6. Mora com:

() Familiares () Amigo(s)
() Companheiro(a) amoroso(a)
() Sozinho () Outros. Especifique:

7a. Durante sua infância/adolescência você cresceu com:

() Mãe () Pai () Ambos (pai e mãe)
() Outro

7b. Se você respondeu a alternativa “outro”, especifique:

8. Qual seu status de relacionamento?

() Solteiro () Namorando () Casado
() Separado/Divorciado () Viúvo
() Outro _____

9. Qual sua ocupação?

10. Você está empregado (o estágio remunerado vale como emprego, se esse for seu caso indique)?

() sim () não

11. Renda individual aproximada:

12. Quantas pessoas vivem da sua renda (além de você):

13. Renda familiar aproximada:

14. Quantas pessoas vivem dessa renda (incluindo você):

15. Há quanto tempo você fez um teste de HIV (às vezes chamado de "teste de AIDS")?

() Até 30 dias
() Até 3 meses atrás
() Até 6 meses atrás
() Até 1 ano atrás
() Há mais de 2 anos
() Há mais de 3 anos
() Nunca fiz o teste
() Incerto
() Prefiro não responder

16. Você foi diagnosticado com HIV ou AIDS?

() Sim () Não () Incerto () Recuso responder

17. Você faz uso de algum medicamento para depressão ou ansiedade?

() Não
() Sim. Qual? _____

18. Você tem incontinência urinária (dificuldade de segurar o xixi)?

() Não () Sim

19. Você tem diabetes?

() Não () Sim () Não sei informar

20. Você fez algum tratamento neurológico?
() Não
() Sim. Qual? _____

21. Você já fez alguma cirurgia de hemorroida, peniana, próstata ou reto?
() Não
() Sim. Qual? _____

22. Se você tem relacionamentos sexuais com homens, como você classifica seu comportamento/performance sexual:
() Não tenho relacionamentos com homens
() Ativo
() Ativo/versátil
() Versátil
() Passivo/versátil
() Passivo

23. Se você tivesse que se descrever globalmente, em termos de comportamento, estilo, expressão e autopercepção. Qual tipo de homem você seria? Marque um X no número correspondente, no qual 0 corresponde a Menos Masculino e 9 corresponde a Mais masculino.

Menos

Masculino

Mais

Masculino

1	2	3	4	5	6	7	8	9
---	---	---	---	---	---	---	---	---

24. Se você tivesse que se descrever globalmente, em termos de comportamento, estilo, expressão e autopercepção. Qual tipo de homem você seria? Marque um X no número correspondente, no qual 0 corresponde a Menos Feminino e 9 corresponde a Mais Feminino.

Menos

Feminino

Mais

Feminino

1	2	3	4	5	6	7	8	9
---	---	---	---	---	---	---	---	---

24. Em termos de conforto com a minha orientação sexual atual, eu diria que estou:

Muito desconfortável

Muito confortável

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

Anexo 3

Grade de Orientação Sexual de Klein (adaptado por Brandão, 2016)

1) Leia com atenção a descrição de cada item e preencha a grade abaixo. Para cada item, numere de acordo com a sua resposta, considerando o **passado**: a vida toda até um ano atrás; o **presente**: até 12 meses atrás.

Agora, por favor, numere a grade abaixo, de acordo com sua resposta.

Descrição dos itens
- Atração Sexual: Por quem você se sente sexualmente atraído?
- Comportamento Sexual: Com quem você tem relações sexuais?
- Fantasias Sexuais: Sobre quem são suas fantasias sexuais? (Podem ocorrer quando você se masturba, sonha ou puramente imagina)
- Preferência Emocional: Você ama, (se relaciona afetivamente) apenas pessoas do mesmo sexo, apenas do sexo oposto ou de ambos os sexos?
- Preferência Social: Com pessoas de quais sexos você socializa?
- Preferência de vida: Qual a identidade sexual das pessoas com quem você socializa?
- Identidade Sexual: Como você se identifica?

Para as letras de (A) a (E):

1. Apenas o sexo oposto.
2. O sexo oposto predominantemente.
3. Muito mais o outro sexo.
4. Ambos os sexos.
5. Muito mais o mesmo sexo.
6. O mesmo sexo predominantemente.
7. Apenas o mesmo sexo.

Para (F) e (G):

1. Unicamente heterossexual(ais).
2. Predominantemente heterossexual(ais).
3. Muito mais heterossexual(ais).
4. Ambas as sexualidades.
5. Muito mais homossexual(ais).
6. Predominantemente homossexual(ais).
7. Unicamente homossexual(ais).

Grade de Orientação Sexual de Klein			
	Item	Passado	Presente
A	Atração Sexual		
B	Comportamento Sexual		
C	Fantasias Sexuais		
D	Preferência Emocional		
E	Preferência Social		
F	Preferência de Vida		
G	Identidade Sexual		

Anexo 4

Quociente de Empatia/Sistematização (QE/QS)

Abaixo você encontrará diversas afirmações que descrevem reações em várias situações sociais do cotidiano. Por favor, leia cada uma delas e responda o quanto você concorda com essas afirmações, marcando o número de acordo com a escala abaixo. Caso nunca tenha passado por alguma dessas situações, tente imaginar como você reagiria ao enfrentá-la.

Responda a todas as perguntas assinalando no número desejado.

1	2	3	4
Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente

Itens da Versão Curta do Quociente de Empatia

1. Eu consigo, facilmente, dizer se alguém quer participar de uma conversa.	1	2	3	4
2. Eu gosto realmente de me preocupar com as outras pessoas.	1	2	3	4
3. Eu considero difícil saber o que fazer em uma situação social.	1	2	3	4
4. Frequentemente tenho dificuldades de julgar se algo é rude ou delicado.	1	2	3	4
5. Em uma conversa, eu tendo a focar nos meus próprios pensamentos em vez de focar no que o meu ouvinte possa estar pensando.	1	2	3	4
6. Eu consigo perceber rapidamente quando alguém diz uma coisa, mas quer dizer outra.	1	2	3	4
7. Para mim, é complicado entender porque algumas coisas chateiam tanto as pessoas.	1	2	3	4
8. É fácil, para mim, colocar-me no lugar de outra pessoa.	1	2	3	4
9. Eu sou bom em prever como alguém irá se sentir.	1	2	3	4
10. Eu vejo com facilidade quando alguém, em um grupo, está se sentindo envergonhado ou desconfortável.	1	2	3	4
11. Nem sempre consigo perceber porque alguém se sente ofendido em razão de uma repreensão.	1	2	3	4
12. As outras pessoas me dizem que sou bom para perceber como elas se sentem ou o que estão pensando.	1	2	3	4

13. Eu consigo perceber com facilidade quando alguém está interessado ou aborrecido com o que estou dizendo.	1	2	3	4
14. Normalmente os meus amigos me falam dos seus problemas e dizem que sou muito compreensivo.	1	2	3	4
15. Eu percebo quando estou sendo intrometido (a) mesmo que a outra pessoa não me diga.	1	2	3	4
16. Frequentemente as outras pessoas dizem que sou insensível, se bem que nem sempre percebo o porquê.	1	2	3	4
17. Eu consigo sintonizar-me com o que os outros sentem, rápida e intuitivamente.	1	2	3	4
18. Eu consigo descobrir rapidamente o assunto sobre o qual outra pessoa quer falar.	1	2	3	4
19. Eu consigo perceber quando outra pessoa está disfarçando os seus verdadeiros sentimentos.	1	2	3	4
20. Eu sou bom para prever o que outra pessoa irá fazer.	1	2	3	4
21. Eu tendo a envolver-me emocionalmente com os problemas dos meus amigos.	1	2	3	4

Itens da Versão Curta do Quociente de Sistematização

1	2	3	4
Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente

1. Se estivesse comprando um carro, iria querer obter informação específica acerca da sua cilindrada.	1	2	3	4
2. Se houvesse um problema com as ligações elétricas em minha casa, eu seria capaz de resolver sozinho (a).	1	2	3	4
3. Raramente leio artigos ou páginas na web sobre novas tecnologias.	1	2	3	4
4. Não aprecio jogos que envolvam um elevado grau de estratégia.	1	2	3	4
5. Fascina-me a forma como as máquinas trabalham.	1	2	3	4
6. Em matemática, fico intrigado (a) com as regras e os padrões que determinam os números.	1	2	3	4
7. Acho difícil entender os manuais de instruções quando fornecem informações sobre como conectar objetos elétricos.	1	2	3	4
8. Se estivesse comprando um computador, gostaria de saber os detalhes exatos acerca da capacidade da sua unidade de disco rígido e da velocidade do processador.	1	2	3	4
9. Acho difícil ler e entender mapas.	1	2	3	4
10. Quando olho para uma peça de mobiliário, não reparo nos detalhes de como foi construída.	1	2	3	4
11. Acho difícil aprender a orientar-me em uma nova cidade.	1	2	3	4
12. Normalmente, não vejo documentários científicos na televisão ou leio artigos acerca da ciência e da natureza.	1	2	3	4
13. Se estivesse comprando um aparelho de som, gostaria de saber acerca das suas características técnicas com precisão.	1	2	3	4

14. Acho fácil compreender exatamente como funcionam as probabilidades nas apostas.	1	2	3	4
15. Não sou muito cauteloso (a) quando realizo uma tarefa do tipo “faça você próprio”.	1	2	3	4
16. Quando olho para um edifício, fico curioso sobre a forma precisa de como foi construído.	1	2	3	4
17. Acho difícil entender a informação que o banco me manda acerca de diferentes investimentos e sistemas de poupança.	1	2	3	4
18. Quando viajo de trem frequentemente me pergunto como são exatamente organizadas as redes ferroviárias.	1	2	3	4
19. Se tivesse comprando uma câmera, não olharia com atenção para a qualidade da lente.	1	2	3	4
20. Quando ouço a previsão do tempo, não estou muito interessado (a) nos padrões meteorológicos.	1	2	3	4
21. Quando olho para uma montanha, penso em como precisamente ela foi formada.	1	2	3	4
22. Posso facilmente visualizar como as autoestradas se articulam na minha região.	1	2	3	4
23. Quando estou em um avião, não penso sobre a aerodinâmica.	1	2	3	4
24. Eu estou interessado (a) em saber o caminho que um rio toma da nascente até o mar.	1	2	3	4
25. Não estou interessado (a) em entender como funciona a comunicação sem fios.	1	2	3	4

PELOS FACIAIS E CORPORAIS

Observe as imagens abaixo e marque a que mais se aproxima do crescimento natural dos seus pelos faciais (sem a utilização de produtos para crescimento dos fios e/ou ação de se barbear):



Observe as imagens abaixo e marque a que mais se aproxima do crescimento natural dos seus pelos corporais (sem a utilização de produtos para crescimento dos fios e/ou ação de se depilar):

